

Rodolfo Ilari
Renato Basso

O português da gente
a língua que estudamos
a língua que falamos

Ilari



editoracontexto

⁶ Um uso de *nós* que exclui terminantemente, o interlocutor e os amigos do interlocutor é expresso na exclamação "Nós quem, cara páldia?"

⁷ Entre esses autores estão Sweet (1891) e Paul (1886). Mais recentemente, lembraremos Halliday (1966-67) e Daneš (1974).

⁸ As duas letras foram sucesso na voz do cantor Zezé Pagodinho; as fontes que consultamos atribuem a primeira a "autor desconhecido" e a segunda a Sérgio Menit.

⁹ Ver A. Schei. A colocação pronominal do português Brasileiro: a língua literária. São Paulo, Humanitas, 2003.

¹⁰ Dados retirados de uma pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Acessado em: <http://www.ifolclor.com.br/brinc/v_historiasemfim.htm>

¹¹ 62.800 é, mais precisamente, o número de verbetes presentes no dicionário que tomamos aqui como referência, o *Dicionário de usos do português do Brasil* (*dup*), de F. S. Borba (Dicionário de usos do português do Brasil, São Paulo, Ática, 2002). Nossa escolha desse dicionário justifica-se por ser um dicionário de usos. O número de verbetes de qualquer dicionário reflete decisões relativas aos propósitos e à estrutura do próprio dicionário: 1) de que fatos linguísticos trata; 2) que estrutura adota para os verbetes; 3) como representa a homonímia e a polissemia das palavras etc. Por isso, para entender o que significa de fato o número que fornecemos aqui, convém que o leitor folheie o *dup*.

¹² Com o sentido de par de versos.

¹³ Uma economia fortemente dependente do capital inglês fez com que se multiplicassem em várias regiões do Brasil as agências de bancos ingleses, as firmas de importação inglesas e até mesmo os clubes, hospitais e cemitérios ingleses. Ver a título de exemplo, Gilberto Freyre (Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, paisagem e cultura do Brasil, Rio de Janeiro, José Olympio, 1984), e, para mais informações, o site <http://www.fundaj.gov.br>.

¹⁴ *Digito* entrou na língua no século XVI, como um termo técnico de astronomia (indicava uma unidade de medida usada para descrever os eclipses). O uso da mesma palavra como termo de informática é da segunda metade do século XX.

¹⁵ Por exemplo, no *Aurélio do século XXV* e no *Houaiss, -tio* e *bio- são* verbetes à parte.



Português do Brasil: a variação que vemos e a variação que esquecemos de ver

Já se disse várias vezes que o português do Brasil é uma língua uniforme. Sua uniformidade foi afirmada e elogiada por pessoas de diferentes formações – escritores, historiadores e linguistas. Mas a uniformidade do português brasileiro é em grande parte um mito, para o qual contribuíram 1) uma certa forma de nacionalismo; 2) uma visão limitada do fenômeno linguístico, que só consegue levar em conta a língua culta; e 3) uma certa insensibilidade para a variação, contrapartida do fato de que os falantes se adaptam naturalmente a diferentes contextos de fala.

Nas próximas páginas, procuraremos mostrar que o português brasileiro não é uma língua uniforme; e tentaremos convencer o leitor de que essa idéia, além de falsa, é pouco interessante, porque nos torna incapazes de lidar com situações que afetam correntemente o uso da língua e seu ensino. Partiremos do princípio de que a variação linguística é um fenômeno normal, que, por manifestar-se de várias formas, leva os estudiosos a falar em **variação**

diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica. Essas expressões são à primeira vista estranhas, mas um pouco de etimologia mostrará ao leitor que elas são, no fundo, bastante transparentes.

Variação diacrônica

Todas as línguas estão sujeitas à **variação diacrônica** (etimologicamente: aquela que se dá *através do tempo*). Já vimos que as línguas têm uma **história externa** (que diz respeito à maneira como evoluem ao longo do tempo em suas funções sociais e em suas relações com determinada comunidade linguística) e uma **história interna** (que diz respeito às mudanças que vão ocorrendo em sua gramática – fonologia, morfologia, sintaxe – e em seu léxico). No primeiro capítulo deste livro (“Um pouco de história: origens e expansão do português”), vimos um pouco da história externa da língua portuguesa ao estudar sua formação como língua românica e sua difusão pelas terras descobertas pelos portugueses, e vimos alguns detalhes de sua história interna quando estudamos as propriedades linguísticas de textos de diferentes épocas. Tudo isso deve ter dado a ideia de que a variação diacrônica das línguas se dá sempre num espaço de séculos. Nem sempre é assim.

A variação diacrônica é às vezes percebida comparando gerações. Por exemplo, todos nós conhecemos gírias que, embora compreensíveis, soam “antigas”, e também é comum o caso de gírias compreensíveis somente aos mais velhos ou aos mais novos. Assim, muitos paulistas de hoje simplesmente não compreendem a expressão *estar de bonde*, que, no contexto do namoro à antiga, significava “estar com a namorada”; ao mesmo campo semântico do namoro de outros tempos pertencia também o substantivo *footing*, que indicava a prática dos adolescentes de passar a pé, em grupo, em local público, para ver adolescentes do outro sexo e ser visto por eles (elas). E, para ficar no capítulo do namoro, muitos pais que tinham filhos adolescentes na década de 1990 tiveram sérias dificuldades para entender o significado do verbo *ficar*, que representava um modo de relacionar-se com o sexo oposto estranho à sua experiência.

Embora seja mais comum encontrar inovações na gíria e em outras áreas do léxico, é possível encontrá-las também no domínio da gramática e em outras variedades da fala ou da escrita. As construções “*dar uma de sonso*” e “*dar uma de Jânio Quadros*” soavam estranhas quando apareceram há cerca de meio século; uma variante mais familiar, mas não

II

exatamente equivalente, era então “banicar o sonso”, “fazer-se de sonso”, “agir como Jânio Quadros”. Hoje “dar uma de...” é de uso corrente na fala coloquial e haveria muito a dizer sobre os matizes de sentido que transmite. Mais recentemente, outra construção sintática, “*amanhã vamos estar mandando seu cartão para o endereço que o senhor acaba de indicar*”, chamou a atenção de muitos profissionais da linguagem (professores, jornalistas, escritores, gramáticos...). Sobre essa construção já se disse de tudo: que ela é desnecessária; que ela é indispensável; que ela foi criada pelas telefonistas do telemarketing; que ela já existia na Idade Média; que é mais um estrangeirismo, pois foi criada por imitação do inglês; que é uma construção vernácula, inteiramente previsível no português do Brasil. Aqui, interessa simplesmente apontá-la como uma construção que se tomou corrente nos últimos anos, ou seja, um fato de “variação diacrônica” que percebemos sem voltar ao passado.

Um caso muito particular de variação diacrônica é a **gramaticalização**, isto é, o processo pelo qual uma palavra de sentido pleno assume funções gramaticais: um exemplo clássico de gramaticalização em português é a formação do pronome *você*: como todos sabem, essa palavra remonta a *Vossa Mercê*, via *Vosmecê*. Era, na origem, uma expressão de tratamento, como *Vossa Majestade* ou *Vossa Excelência*; hoje é um pronome pessoal, e nessa função suplantou o antigo pronome de segunda pessoa *tu*, numa grande área do território brasileiro. O processo inverso à gramaticalização é a **lexicalização**: este último processo acontece, por exemplo, quando dizemos que um trabalho apresenta vários *senões*, ou quando pedimos a alguém que deixe de *entretantos* e passe aos *finalmentes*. Como todos sabem, *entretanto* é geralmente uma conjunção e *finalmente* é geralmente um advérbio; mas no uso que estamos descrevendo aqui essas palavras significam respectivamente “considerações, ressalvas” e “conclusões, decisões”. Essas palavras foram transformadas em substantivos que indicam as fases de um debate, como mostra, de resto, a aplicação do artigo e a desinência do plural.

Seja como for, convém pensar na língua não como uma forma que foi estabelecida em caráter definitivo em algum momento do passado, quem sabe por decisão de uma assembléia de sábios, mas sim como uma realidade dinâmica, que está por natureza em constante mudança.

Não só a língua que falamos hoje é o resultado de muitas inovações ocorridas em épocas diferentes; na língua que falamos hoje convivem palavras e construções que remontam a épocas diferentes. Às vezes, o uso de uma

Língua mais antiga torna-se a opção mais ou menos consciente de alguns falantes ou escritores. Foi essa a opção de escritores como Euclides da Cunha e Alberto de Oliveira, que recorreram em suas obras a uma sintaxe e a um vocabulário inspirados em autores portugueses que haviam vivido dois ou três séculos antes, como uma forma de enriquecer seu próprio estilo. Talvez porque sempre recorrem a exemplos buscados nos "grandes escritores", os gramáticos também tendem a construir representações da língua que apresentam uma defasagem considerável em relação ao uso corrente. Independentemente disso tudo, a língua muda.

Antologia Anúncios na imprensa

Para que a língua não se perdesse, vale a pena ler estes dois anúncios do século XIX.¹ Muito do que eles dizem só faz sentido no contexto em que foram escritos, por isso, se quisermos compreendê-los mais completamente, teremos que recuperar um contexto diferente do nosso, o do Brasil escravagista. Além de nos trazerem importantes informações históricas sobre a época em que foram escritos, anúncios como esses nos dão também muitas informações sobre a língua da época e é principalmente a esse aspecto que daremos atenção aqui.

São Paulo, 1830

Hontem pela manhã se me enviou um negro do genito de Guiné, muito boçal, e trajado à maneira dos que vem em combói, e se me dice, foi pegado, vagando como perdido. Por intérprete apenas pude colher que ainda não era baptisado, e que saindo a lenhar se perdeu: queira por tanto V.^{m.} inserir este annuncio em sua folha, a fim de apparecer dono, sobre o que declaro, que se não apparecer por 15 dias, contados da publicação da folha, heide remetel-o á Provedoria dos Resíduos; a quem pertence o conhecimento das coisas de que se conhece o dono. — São Paulo 9 de Abril de 1830. — O Juiz de Paz Supplente da Freguezia da Sê — José da Silva Mercceanna.

(Fonte: *O Farol Paulista*, 24 de abril de 1830.)

Esse texto exemplifica um tipo de anúncio que se publicou fartamente em todos os jornais do país até ser abolido o regime escravocrata. Nele, informa-se a captura de um negro fugido a fim de que o dono possa tomar as providências necessárias para recuperá-lo. Outro tipo de anúncio ainda mais comum no período era aquele em que

o proprietário informava a fuga de escravos e prometia uma recompensa a quem os levasse de volta ou informasse seu paradeiro. Hoje choca-nos a maneira como esses anúncios falam dos escravos: eles são invariavelmente descritos pelas suas características físicas, com indicação de um genótipo (é para isso que se cita no anúncio acima a origem no *genito da Guiné*) e uma atenção muito exata a traços como cicatrizes, idade, vestimentas e grau de aculturação (a necessidade de um intérprete mostra que o escravo não sabe falar português, e a qualificação de *boçal* indica por sua vez que ele não assimilou a cultura dos senhores, e é possivelmente nativo da África). Choca mais ainda, no texto, verificar que um dos destinos possíveis para o escravo é a Provedoria de Resíduos, essa curiosa repartição pública que cuida das coisas de não se sabe dono: não poderia haver manifestação mais significativa do fato de que os escravos eram então tratados como propriedades e coisas. Todos esses aspectos que nos chocam no início do século XXI fazem desse tipo de texto um importante material histórico, sobre o qual haveria muito mais a dizer.

A análise linguística do texto leva a resultados menos impressionantes, mas não menos significativos. Não podemos fazer vistas grossas ao fato de que o anúncio foi redigido por um juiz e que é um exemplo típico de língua escrita. É então com a língua escrita de hoje que esse anúncio de 1830 precisa ser comparado, mais particularmente com os nossos classificados. As diferenças são consideráveis. Nele, encontramos características dos gêneros jornalísticos que hoje qualificamos como "notícia", "carta do leitor" e "comunicação/informação à praça", e a sintaxe do texto soa pesada devido a um uso dos clíticos que hoje seria evitado. Notem-se as construções como se me enviou um negro e coisas de que se não sabe dono, na última delas, o pronome clítico é separado do verbo pela negação. Essas construções são conhecidas como "apossíncise clássica" e, como o nome indica, têm hoje um sabor arcaico e literário: a chance de que apareçam num jornal é nula. Sem ser incompreensível, o vocabulário do anúncio de 1830 soa antigo ou remete a situações que já não são familiares: tome-se por exemplo a palavra *combói*(*o*); a aceção que conta é "conjunto de animais ou pessoas que se deslocam próximos uns dos outros, demandando um mesmo destino", numa evidente alusão ao fato de que os escravos chegavam acorrentados às terras brasileiras; a palavra *boçal*, que sobreviveu como expressão de xingamento, era, na época, um termo técnico, que indicava um dos tantos estágios da aculturação: dos escravos: *boçal* designava o negro-novo, o negro recém-chegado da África, que ainda não tinha aprendido a atuar no papel que lhe era reservado na sociedade brasileira; o oposto de *boçal* era *ladrino*, que hoje qualifica o indivíduo "cheio de manhas", mas na época indicava o escravo parcialmente aculturado. Muitas outras palavras presentes no anúncio, embora parcialmente compreensíveis, não seriam hoje a opção óbvia num jornal: em vez de *trajado*, *colher*, *lenhar*, *a quem pertence o conhecimento das coisas*, ditamos mais provavelmente *vestido*, *apurar / verificar*, *cofear lenha* e *quem é competente para tratar das coisas*.

Paranaguá, PR, 1854

A.º BARATO.

SOARES & MANGNIER

RUA DA ORDEM Nº 1 EM PARANAGUÁ

Esta nova loja de fazendas acaba de receber pelo vapor Maracanã o seguinte: Chales de touquim; leques de madreperola e de marfim, bengalias d' unicorne; mantelletes guardmeidas de filó e rendas de seda; palejós de cassa e filó bordado, para s.^{mas} e meninas; camislinhas inteiramente modernas, inteirladas com rendas de seda; sedas lavradas e de xadrés; nobrezas furta-cores e preta; tapetes para sophás; chapéus de sol; ditos de molias para cabeça; toucados para s.^{mas}; grinaldas francezas; camisas ditas, peitos para camisas; merinós setins de cores; gravatinhas de touquim para s.^{mas}; panno de linho para lençóes com 10 palmos de largura; véos pretos, sarja espanholla e franceza. Além d' estas fazendas, encontra-se na mesma casa um extraordinário e variado sortimento de fazendas grossas e de gosto; chapéus e calçados para homens e s.^{mas} e artigos de amarrinho.

(Fonte: *O 19 de dezembro*, 22 de abril de 1854.)

Esse texto nos mostra, mais uma vez, que muita coisa mudou na linguagem publicitária, desde o século XIX até hoje. Como anúncio, ele nos parece hoje insportavelmente longa, aliás a propaganda deixou há tempo de enumerar em seus textos os itens disponíveis para venda (uma função que foi assumida pelos *folders* e catálogos e que, mesmo quando não dispensa de todo o texto escrito, recorre mais amplamente à imagem). As estratégias usadas para valorizar a mercadoria (a chegada do último vapor, o caráter absolutamente moderno das blusas, a procedência francesa ou espanhola de alguns artigos, o nome atrevesado de outros) soa no mínimo *demodé* em nossos dias. Mas fixemo-nos mais atentamente na língua do texto: só o dicionário nos salvará, se quisermos entender hoje o que é um *xale* ou uma *gravatinha de touquim*, uma *nobrezas furta-cor* ou um *merinó*.² Onde o anúncio fala em *sarja*, *tapetes para sofás*, *palejós para senhoras*, *falaríamos* mais prosaicamente em *brim*, *capas* e *casacos*. O caso das *camislinhas enfeitadas com renda de seda* e dos *chapéus de mola* chega a ser hilariante, porque a palavra *camisinha* se especializou nas últimas décadas para indicar os preservativos masculinos de borracha (quem pensaria em enfeitá-los com renda de seda?) e a idéia de adornar um chapéu com uma *mola* faz pensar em um chapéu que balança na cabeça de quem o usa. Na realidade as molas de que fala o anúncio não passam de grampo³ que se usam para prender um chapéu mais leve ao cabelo, e as camislinhas são, como sugere a morfologia da palavra, camisas de formato pequeno, camisas para mulheres, isto é, blusas.

Para quem pensa que a antiguidade da língua desse anúncio é só uma questão de léxico, uma surpresa: as palavras *ditos* e *ditas* estão em uso anacrônico, isto é, tiram seu sentido de uma expressão que apareceu antes no anúncio. Recoloquemos essas palavras em seu contexto, para entender melhor:

chapéus de sol, ditos de molas para cabeça;

grinaldas francezas; camisas ditas

Quem escreveu o anúncio usou *ditos* para não repetir *chapéus de sol* e *camisas* e *ditas* para não repetir *grinaldas francezas*. Trata-se de usos anacrônicos, e os termos originais são os seguintes:

Variação diatópica

Por **variação diatópica** (do grego *dia* = através de; *topos* = lugar) entendem-se as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países.

Português europeu e português do Brasil

SOA
Macedo
Cláudia

Quando se fala da língua portuguesa como um todo, o estudo da variação diatópica leva, antes de mais nada, a comparar as variedades de português faladas na Europa (Portugal, Madeira, Açores), na África (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau etc.), na América Latina (Brasil) e na Ásia (Goa, Macau etc.); por razões históricas e políticas, a maioria dos estudos feitos nessa linha tem procurado comparar as línguas das antigas colônias (inclusive o Brasil) com a língua de Portugal. Uma questão que surge frequentemente nesse contexto é se Portugal e as antigas colônias falam a mesma língua; sentimentos nacionalistas ligados ao processo de descolonização levam a realçar as diferenças (como no caso do Brasil e dos países africanos); ao passo que a preocupação de distinguir-se de outros países vizinhos leva a valorizar as raízes portuguesas (como no caso de Timor-Leste).

Obviamente, as diferenças entre o português do Brasil (PB) e o português europeu (PE) são muitas; lembremos, de passagem, as mais marcantes:

- no domínio dos sons, o PE se caracteriza pelo enfraquecimento das sílabas prétonicas, pela pronúncia do /R/ como vibrante múltipla, pelo fato de que o /l/, em posição final de sílaba, tem pronúncia velarizada, e não é substituído pela semivogal /w/;

- ao contrário do *pt*, que os perdeu quase por completo, a sintaxe do *pe* usa regularmente os pronomes clíticos, com diferenças importantes quanto à sua colocação (como mostra o fato, sempre lembrado de que, em *pt*, mas não em *pe*, é possível ter o clítico em primeira posição absoluta de frase: *Me dá um cigarro!*);
- como efeito do enfraquecimento do sistema de clíticos, o *pe* usa abundantemente a construção conhecida como "objeto nulo", que o *pe* evita: *O rapaz ~~acabou~~ parou o abridor aqui*;
- o *pe* usa *si* como anafórico de expressões de tratamento: *Senhor Doutor, esta carta é para si*; ao passo que em *pt* se repete a expressão de tratamento: *Doutor, esta carta é para o senhor*;
- o *pe* constrói as perifrases progressivas usando, ao lado do verbo *estar*, a preposição *a* + o infinitivo; o *pt* usa *estar* + gerúndio: *pe não estou a perceber / pt não estou entendendo*;
- o *pe* exprime a condição usando o indicativo (*Se eu sabia, eu vinha*), uma construção que em *pt* culto é discriminada;
- as diferenças de vocabulário são numerosas; dizem respeito em princípio a todas as classes morfológicas: verbos (*aquecer / esquentar, arrefecer / esfriar, conduzir / guiar, reformar / aposentar*), adjetivos (*parvo / bobo, nabo* (feminino *naba*) / *barbeiro* (feminino *barberia*, com o sentido de "mau motorista"), *giro* (feminino *gira*) / *legal* (no sentido que esta palavra assumiu há tempo na linguagem familiar), *castanho / marrom*), e sobretudo substantivos. É a esta última classe que pertencem os casos listados a seguir, entre os quais não poderiam faltar os sempre citados *comboio* e *rapariga*:

grossista / atacadista

cerveja de pressão / chope

paragem de ônibus / ponto (ou parada) de ônibus

peão / pedestre

passilva elástica / goma de mascar, chiclete

rapariga / moça

reformado / aposentado

sida / aids

tira-cápsulas / saca-rolhas ou abridor de garrafas

tubo de escape / escapamento

lombo / file mignon

comboio / trem

ecrã / telinha da televisão ou tela do cinema

atendedor automático / secretária eletrônica

carrinha / utilitário ou perua

casa de bambô / banheiro

banheiro (fem. *banheira*) / *sabá-vidas* (na piscina ou no mar) e outros;³

- o *pt* tem aceito uma série de empréstimos de origem americana, para designar artefatos que o *pe* designa mediante palavras criadas no interior da própria língua: um bom exemplo é a palavra brasileira *fizerer* que, em *pe*, é *arca frigorífica*.

Uma nota sobre as diferenças entre o português brasileiro e o português europeu: as colocações

As diferenças entre o *pe* e o *pt* resultam do fato de que essas duas variedades têm repertórios de palavras diferentes. As expressões que seguem são formadas por palavras que existem tanto em português europeu como em português brasileiro; o que muda é a possibilidade de usar juntas essas palavras numa ou noutra variedade. Indicar essas diferenças, que são conhecidas como "diferenças de colocação", é uma parte importante do trabalho dos dicionaristas.

(Fonte: VALENTE, R. S. *Diferenças e similaridades colocacionais entre o português brasileiro e o português europeu*: estudo baseado na noção de função lexical da teoria Sentido/Texto. Dep. de Linguística e Tradução da Universidade de Montreal, 2002. Mimeo.)

FE	PE e PE	PB
feito um burro	telmoso como uma mula	que nem a mulher do piolho
como uma gralha	falar pelos cotovelos	mais que o homem da cobra
a troco de reza	comprar por uma pechincha na bacia das almas	por uma micharia / ninharia
a potes	chover a cântaros	canivetes
como os trovões	feito de doer	como a mulher do guarda
para além do estúpido	surdo como uma porta	feito um muro
pescar um marido	arranjar um marido	fisgar um marido
pela medida grande	apanhar	como cachorro, sem dono
como um piso	comer	como um
como um prego	dormir (comida)	como um

Mas afinal, o português do Brasil e o português europeu são duas línguas diferentes? As respostas a essa pergunta variaram ao longo do tempo: os primeiros dialetólogos portugueses não hesitaram em tratar o português do Brasil como um dialeto (por exemplo, Leite de Vasconcelos); os maiores filólogos brasileiros insistiram na profunda unidade das duas variedades (por exemplo, Serafim da Silva Neto (1957)); ao contrário, muitos linguistas falam hoje em línguas diferentes (por exemplo, Roberts e Kato (1993) e Galves (2001)).

Não tentaremos dizer aqui quem tem razão, por três motivos: (a) os interesses desses autores e os conceitos de língua que eles usaram são diferentes ou, como diriam os filósofos da ciência, "incomensuráveis"; (b) provavelmente todos esses autores estão certos no seu respectivo ponto de vista; (c) neste livro, interessa-nos, principalmente, falar da variação diatópica que se observa no português do Brasil, tema dos próximos parágrafos.

A variação regional no português do Brasil

Quando se fala de variação diatópica do português brasileiro, a primeira observação a fazer é que, se tomarmos como termo de comparação a variação regional das línguas faladas na Europa (inclusive o português europeu), o Brasil fala uma língua muito uniforme em todo o seu território; a variação não afeta aspectos substanciais do sistema fonológico e sintático da língua, e assim não admira que o gaúcho possa ser compreendido pelo amazonense, ou o mato-grossense pelo nordestino. Seria, porém, um erro pensar que a variação regional simplesmente não existe. A melhor prova disso é que, com boa margem de acerto, é possível adivinhar a procedência geográfica das pessoas pela maneira como falam; e já faz alguns séculos que certas variedades regionais foram claramente identificadas (uma delas é o "paulista"). Também seria um erro concluir que, por ser relativamente uniforme do ponto de vista diatópico, o português brasileiro é uniforme sob outros aspectos (por exemplo, o diacrítico e o diamésico), como veremos mais adiante.

O boletim de ocorrência do juiz-de-fora Francisco Lourenço de Almeida

Boletim que segue foi estudado pelo professor Gilvan Müller de Oliveira (2004), em um trabalho sobre a história da língua portuguesa no Brasil meridional, e faz parte de um documento policial escrito em 1816 na cidade de Desterro (hoje Florianópolis):

encontramos /
pelas onze horas mais ou menos da /
mesma noite na Rua do Vinagre junto /
à porta de um tal Fayal, bem de frente /
da travessa que toma para a Rua Augusta /
uns oito vultos, dois ou trez dos quaes com /
borrelinhas do uniforme de cavalaria /
de S. Paulo, ao presente destacada nesta V^a
[corroído]

os mais vestidos de ponxes com chapéus /
desabados, os quaes fomos reconhecer da par- /
te da Justiça, como era da nossa obrigação /
declarando serem soldados do Regim^{to} /
d. São Paulo – como com effeito erão, e se /
conhecerão pela diferença e singularidad.^e
da sua voz e pronúncia – que ali se achá - /
vão com licença do seu Then.^o Cor.^o E. comand.^{te}

(Fonte: MIRANDA, F. G.; SARAVIA, J. P. A.; VEIRA, S. F. *Offícios dos Juizes de fora para o presidente da provincia* (1814-1821). Florianópolis: Núcleo de Estudos Portugueses, 1996. Série Filológica.)

São Paulo foi a capital de uma extensa região ao sul do Brasil, da qual se emanciparam, uma depois da outra, as regiões que hoje correspondem ao Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Foi também um entreposto importante no fornecimento de charque e mares, usados nas lavras de ouro e pedreiras de Minas Gerais. Nessas circunstâncias, não estranha que alguns soldados "paulistas" estivessem em Desterro em 1815, com conhecimento de seu superior, quando foram surpreendidos por uma ronda noturna da polícia local.

Esse documento interessa à história do português brasileiro porque mostra que, no fim do período colonial, a variação regional não afetava aspectos substantivos do sistema fonológico e sintático da língua, e assim não admira que o gaúcho possa ser compreendido pelo amazonense, ou o mato-grossense pelo nordestino. Seria, porém, um erro pensar que a variação regional simplesmente não existe. A melhor prova disso é que, com boa margem de acerto, é possível adivinhar a procedência geográfica das pessoas pela maneira como falam; e já faz alguns séculos que certas variedades regionais foram claramente identificadas (uma delas é o "paulista"). Também seria um erro concluir que, por ser relativamente uniforme do ponto de vista diatópico, o português brasileiro é uniforme sob outros aspectos (por exemplo, o diacrítico e o diamésico), como veremos mais adiante.

Vamos apontar em seguida alguns casos de variação diatópica do PB, mas, antes, são necessárias algumas advertências:

- em primeiro lugar, não podemos esquecer que o Brasil tem sido e ainda é um país de grandes migrações internas. Não faz muito tempo que a agricultura conquistou a região do cerrado e algumas áreas da Amazônia que, até então, eram consideradas não cultiváveis, ou só eram lembradas pela extração de madeira; os agentes dessa ocupação são colonos do Sudeste e do Sul; anteriores a isso, já mencionamos as grandes migrações, de nordestinos ocasionadas pelo crescimento da construção civil em São Paulo, pela construção de Brasília (décadas de 1950 e 1960) e, mais antigamente ainda (final do século XIX), pelo ciclo da borracha. Tudo isso dá a variação diatópica do português brasileiro um dinamismo que falta em outros países e é comum encontrar em regiões que receberam fortes contingentes de migração interna. Variedades linguísticas de procedências diferentes, entre as quais acabam se criando diferenças de *status* e prestígio;⁴



A ocupação da Amazônia no século xx foi acompanhada pela destruição da vegetação nativa. Grandes áreas de floresta foram queimadas para facilitar a extração de madeira e a implantação da pecuária, com danos irreversíveis para o meio ambiente.

Representações recíprocas de falares brasileiros

É possível que a caricatura "carregar" em alguns traços da pessoa que retrata, produzindo assim uma imagem propositalmente distorcida. Uma caricatura é, por definição, uma representação infiel (e nesse sentido desprezível) do objeto retratado. Não admira, assim, que a idéia de caricatura seja evocada neste trecho, em que a linguísta Adair Palácios fala, em tom de desabafo, sobre a maneira como são representadas, no sul do país, as variedades de português faladas no Nordeste:

Quando se quer caricaturar o dialeto nordestino, especialmente em programas humorísticos de rádio e tv, observa-se a aplicação da regra de abaixamento das vogais, a inserção de itens lexicais típicos, como "aperriado", "bichinho", "oxente", e ainda uma curva de entonação final descendente e prolongada do tipo foi não (~). Tomadas essas providências tem-se a impressão de caracterizar bem a fala do Nordeste. Só que essa caracterização soa tão artificial aos ouvidos do falante daquele dialeto, como autêntica aos ouvidos do imitador (Palácios, Adair. *Apud*. Alves, Maria Pacheco. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo*. Campinas, 1979. Dissertação (Mestrado) — Unicamp.).

Quem escreve é uma cientista competente e respeitada, que dedicou boa parte da vida ao estudo das línguas indígenas de sua região. Seu desabafo nos faz lembrar que há muito mais riqueza e variedade nas falas nordestinas do que imagina a maioria das pessoas que vivem no Sul. Querer enquadrar à força todas essas variedades numa mesma descrição é, mal comparando, tão incorreto como chamar a todo nordestino de balano.

Infelizmente, essa imagem distorcida da realidade linguística regional (não só do nordeste) é aquela que prevalece nos grandes meios de comunicação, particularmente na televisão. Isso se aplica não só aos programas humorísticos, mas também às novelas, mesmo quando são montadas com grandes investimentos em recursos e com a preocupação de reproduzir, suficientemente, as características locais características de época.

- nem sempre é fácil separar o que é diatópico do que é diastrático (diferentes camadas sociais). O que queremos dizer com isso é que, como regra geral, os traços tipicamente regionais aparecem com mais nitidez nas falas mais informais, as mesmas que permitem o uso de variedades não-padrão. Em contextos mais formais, os falantes tendem a seguir uma norma que pode ultrapassar o estritamente regional: valha como exemplo a tendência da escola para reprimir o uso do chamado "erre caipira" na região central do estado de São Paulo, onde essa pronúncia ainda é corrente na comunicação informal; lembre-se, por fim, que entre as obras em que basearemos nossa lista de fenômenos linguísticos regionais, são mais frequentes aquelas que estudam o dialeto de uma determinada localidade, do que aquelas que delimitam com precisão a área em que ocorre um determinado fenômeno linguístico. Tome-se como único exemplo um livro que marcou época, com méritos indiscutíveis, *O dialeto caipira na região de Piracicaba*, de Ada Natal Rodrigues (1974): esse livro faz uma análise cuidadosa e à sua maneira completa da fala de um município do estado de São Paulo que era então considerado uma espécie de "capital do dialeto caipira", mas não se preocupa em delimitar as áreas, não necessariamente coincidentes, em que prevalecem os diferentes traços do "dialeto caipira": o erre retroflexo, a troca de [N] por [l], a queda do erre final dos substantivos e verbos etc.

Dialeto caipira

O dialeto caipira costuma ser associada ao seu modo de falar, caracterizado, principalmente pelo erre retroflexo, pela queda do erre em fins de palavra (começa por *começar, querê por querer*), pela queda do ele em fins de palavra (ou sua pronúncia como erre retroflexo) e pela pronúncia como erre retroflexo do ele em fins de sílaba (*animar ou animá por animal; voltar por voltar* etc.). Vale lembrar também que os "caipiras" não estão presentes apenas no interior do estado de São Paulo, mas também no norte do Paraná e em boa parte de Minas Gerais.

Além do jeito de falar, o caipira também evoca todo um imaginário sobre a vida do campo e uma cultura musical muito rica, que goza há algum tempo de projeção nacional: trata-se das modas de viola, ou música sertaneja, ou ainda música raiz.

São músicas que tratam da vida no campo, de amor e de "causos". Um exemplo é a música "Couro de Boi", de Teddy Vieira e Palmeira, que já foi gravada nas vozes de Tonico e Tinoco, Sérgio Reis e outros:

Couro de boi

Conheço um velho dilado desde os tempos dos zagais, um pai trata deis fio, deis fio num trata um pai, sentindo o peso dos anos, sem podê mais trabalha, um véio peão estradeiro, com seu fio foi morá, o rapaiz era casado, e a muíe deu de impicá, você mande o veio imhora, se não quisé que eu vá, o rapaiz coração duro, com o veinho foi fala: para o senhor se mudá, meu pai eu vim lhe pedi, hoje aqui da minha casa, o sinhô tem que sai, leva esse couro de boi, que eu acabei de curti, pra lhe servi de cuberta aonde o sinhô durmi. O pobre véio calado, pegou o couro e saiu. Seu neto de oito ano, que aquela cena assistiu Correu atrais do avô, seu patifô sacudiu Metade daquele couro, chorando ele pediu O veinho comovido, pra não vê o neto chorando Cortou o couro no meio, e pro netinho foi dando O menino chegou em casa, seu pãí foi lhe perguntando Pra que você qué este couro, que seu avô ia levando Disse o menino ao pai, um dia vou me casar O senhor vai ficar veio, e comigo vem morá Pode ser que aconteça, de nois não se cumbina Essa melade do couro, vou dar pro sinhô de...



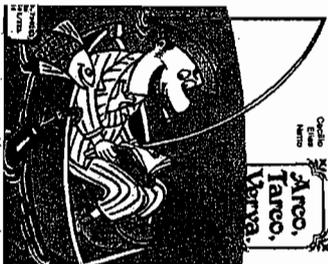
Almeida Jr.
Calpira picando fumo.



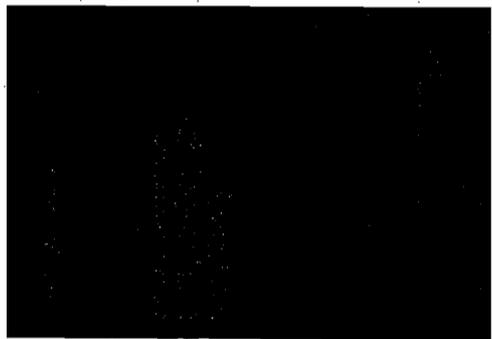
Almeida Sr.
Cumbina com o filho.

Feitas todas essas ressalvas, podemos citar agora alguns fatos que costumam ser lembrados como exemplos de variação diatópica do português brasileiro. Como seria de esperar, muitos desses fenômenos dizem respeito ao léxico, no qual encontramos, no mínimo, as seguintes situações:

- a mesma realidade é expressa, conforme a região, por palavras diferentes:
lanterna / *funtaria*
macaxeira / *aipim* / *mandioca*
negócio / *venda*
geléia de frutas / *chimita*



- as duas variedades regionais têm palavras com a mesma forma, mas com sentidos diferentes:
quitanda (em geral: "mercearia", "tenda" / Minas Gerais: "conjunto de iguarias doces e salgadas feitas com massa de farinha"); *feira* (em geral: "reunião de vendedores" / região Norte: "sacola em que se transportam gêneros").

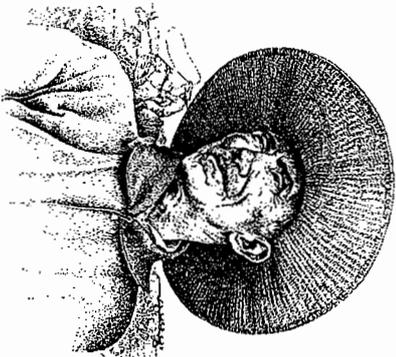


DICIONÁRIO DE BAIANÊS

VOZES BAIANÊS DO AMAZÔNICO

A riqueza linguística e cultural do povo baiano, e a riqueza natural e cultural do povo amazônico, são fatores que tornam a região conhecida por suas riquezas naturais, pela sua biodiversidade, e também nessa região que encontramos o maior número de povos indígenas. Mas a região amazônica também apresenta uma enorme riqueza

folclórica, com grande número de personagens e histórias populares. Nos livros organizados por Simões e Golder (1995), foram coletadas algumas dessas histórias, relativas à Amazônia paraense. Elas estão permeadas de vozes de origem indígena, mas também de vozes de origem portuguesa, que podem soar um pouco antigas. Isso se deve à forma como transcorreu a ocupação



Vaqueiro de Mairajó, por Percy Lau.

A partir de 1877, com o ciclo da borracha, aproximadamente trezentos mil nordestinos migraram para lá. Tudo isso contribuiu para que a região amazônica guardasse em seu vocabulário, o mesmo em que se recontam suas lendas e mitos, palavras originárias de várias fontes, desde o elemento claramente indígena, até um português arcaizante, passando por criações e usos regionais. A amostra a seguir, baseada principalmente em Oliveira (2001), traz um pouco dessa diversidade:

Atorá: espécie de utensílio usado para o transporte de farinha, frutas e legumes e outros gêneros de alimento.



Representação de Santarém, em 1849.

da região. A presença indígena sempre foi uma constante e a assimilação das palavras desses povos não poderia deixar de ocorrer. Contudo, Belém, por exemplo, recebeu contingentes de acorianos a partir de 1677; além disso, em Belém, capital da então província do Grão-Pará, encontrava-se como governador ninguém menos que Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal, o que fez com que essa região fosse por muito tempo pró-Portugal.



Embarcação típica da Amazônia, conhecida como "vaticano". Ilustração de Percy Lau.

Bamburrada: repleta; cheia.

Bilha: moringa; pequena moringa de barro com gargalo estreito, destinada a guardar a água a ser consumida.

Bobó: pulmão.

Carimbé: mingau feito de farinha fina.

Catombão: saliência disforme, de grande proporção, que se forma nas costas; concursa.

Corera: os restos da mandioca que, por serem muito grossos, não passam na peneira, destinando-se ao preparo de um mingau chamado "carimã".

Fut: diabo.

Jito: pequeno.

Madeira: pênis; o mesmo que espada; chapuleta; vergalho.

Marmota: aparição sobrenatural; pode também significar ação engraçada performalizada por alguém.

Mina: porção; grande quantidade de.

Mutuã: caça; animal caçado.

Pitiú: cheiro forte e enjoativo.

Porronca: cigarro feito pelo próprio fumante, que coloca uma pequena porção de fumo sobre papelote ou folha seca; depois de enrolado como se fosse um cilindro, está pronto para ser queimado em uma das extremidades.

Vaticano: grande embarcação; fluvialta-valeio.

Fixemo-nos, porém, nos fatos de ordem fonológica e morfosintática: o caráter regional das variedades do PB é marcado, entre outros, pelos seguintes traços de pronúncia:

- palatalização de /s/ e /z/ finais de sílaba e de palavra:

<mais> pronunciado [majʃ], <rapaz> pronunciado [Ra'paʃ], etc.

área: marca registrada da fala carioca, mas encontrável de fato no Espírito Santo, em algumas regiões de Minas Gerais e em certos falares do Pará, do Amazonas e também de Pernambuco (Recife).

- realização de /s/ final como /h/

<mais> pronunciado [majh]

área: regiões do Nordeste e do Rio de Janeiro.

- realização de /v/ e /ʒ/ como /h/ em início de palavra

<varnos> pronunciado [hannu]

<gente> pronunciado [hétʃi]

área: regiões do Nordeste, principalmente no Ceará.

- diferentes realizações do /R/ (<R> de *carro*):
apical múltipla na região Sul (*churrasco*, *espeto cortido* e *chimarrão* na voz dos gaúchos);

apical na pronúncia carioca ([karu]);

fricativa velar surda [h] no resto do país.

- ausência da palatalização de /r/ e /d/:
 - palatalização (<dente, pratinho, disco> pronunciados [ˈdɛtɨ̃j], [pɾatɨ̃jɲu], [ˈdʒiskʊ]) é fenômeno generalizado em todo o território brasileiro, com exceção do interior de São Paulo e da região Sul (<leite quente> pronunciado [ˈlɛjtɛ ˈkɛtɛ]); encontrado também em regiões de Pernambuco, do Ceará, do Maranhão e do Piauí.
- palatalização de /r/ e /d/ antes de /a/ e /o/ por meio de um /j/ anterior:
 - área: em regiões do sertão, Pernambuco, Paraíba e Mato Grosso
- pronúncias [o] e [e] em final de palavra:
 - <leite quente> pronunciado [ˈlɛjtɛ ˈkɛtɛ]
- área: região Sul e interior de São Paulo. A não ser nesta área, a oposição /e/-/i/ se neutraliza em posição pós-tônica; idem para /o/-/u/. "entonação descendente":
 - <sei não> pronunciado com um "contorno descendente longo"
- área: o Nordeste, acima do estado da Bahia:
 - abertura das vogais pré-tônicas:
 - <decente> pronunciado [dɛˈsɛtɨ̃j]
- área: Nordeste.
 - pronúncia retroflexa do /r/, ex. <porta> pronunciado [ˈpɔrtɨ̃]:
 - área: essa pronúncia é uma das características do "dialeto caipira", que costuma ser associado à região não costeira de colonização mais antiga, em São Paulo. A pronúncia retroflexa do /r/, como de resto muitas outras características do dialeto caipira, alcançam de fato algumas regiões do sul de Minas Gerais, do Mato Grosso, do norte do Paraná, de Goiás e de Tocantins. A mesma pronúncia é dada no "dialeto caipira" ao primeiro [l] de <álcool> e ao [l] de <sol> e de <animal>.
 - pronúncia como [w] ou [ʃ] do -l que fecha sílaba:
 - a primeira pronúncia é generalizada pelo Brasil afora, o que leva à confusão de palavras como *mal* e *mau*, e a grafias erradas como <auto-falante> e <alomóvel>. A segunda pronúncia é encontrada no Sul. Outros falares regionais, entre eles o dialeto caipira, apresentam uma terceira alternativa de pronúncia, que é a queda pura e simples do /r/ final.
 - queda do -r final dos infinitivos verbais / queda do -r final dos substantivos:
 - <andar>, <lugar>, <flor>, <morador> pronunciados respectivamente [ˈadːal e ˈluːɡal], [ˈlɔr], [ˈmɔrːadɔr] ou [ˈmɔrːadɔ]
 - área: Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo.
 - pronúncia do fonema /N/:
 - áreas: na região do "dialeto caipira" e em muitas outras, a pronúncia é [ɲ]: "filho" [ˈfijɔ], "milho" [ˈmijɔ]; nessas regiões, uma reação de hipercorreção leva eventualmente a pronunciar *desemipiador de pia* como *desemipiador de piba*. Em outras regiões (parte do Nordeste), a pronúncia é [l]: *mulher* pronunciado [ˈmulɛr].

Observem-se ainda os seguintes fatos de caráter morfosintático:

- uso ou omissão dos artigos definidos antes de nomes próprios e dos nomes de parentesco:
 - o assunto de que mais se falou na casa de minha / da mãe foi o casamento de João Luís*
- área: a omissão se dá acima da isoglossa de Nascetes (assin podemos chamar a linha que liga a foz do Rio Macuri, entre a Bahia e o Espírito Santo, e a cidade de Mato Grosso, na divisa com a Bolívia).
- uso de *tu* e *você* como pronomes de segunda pessoa:
 - há, no total, em PB, três formas de expressar a segunda pessoa: (i) pronome *tu* + verbo de segunda pessoa: *tu és / tu vais*; (ii) pronome *tu* + verbo de terceira pessoa: *tu é / tu vai*; (iii) pronome *você* e verbo de terceira pessoa: *você é / você vai*. Uma ou outra das duas primeiras soluções prevalece conforme a região nos três estados da região Sul. Na fala carioca, encontramos a segunda e a terceira. Nas regiões Norte e Nordeste também encontramos (i) e (ii). A solução com *você* + verbo de 3ª pessoa prevalece no restante do país.⁵
- tendência a omitir o pronome reflexivo com verbos pronominais:
 - Já tinha acontecido antes, por isso não preocupar* (em vez de *me preocupar*)
- área: fenômeno que está ampliando sua área, a partir de Minas Gerais.⁶

A lista de fenômenos que acabamos de apresentar é incompleta: haveria muito mais coisas a estudar, sobretudo no campo da sintaxe, do léxico e da fraseologia, e, aqui, o máximo que podemos fazer é deixar claro que nosso levantamento não vai além de um pequeno conjunto de fatos sempre lembrados. De resto, o leitor terá notado que, ao tratar da localização e extensão dos fenômenos lembrados, o fizemos de maneira muito imprecisa. Como a maioria dos trabalhos que tratam de variação diatópica, não delimitamos com clareza a área geográfica do fenômeno considerado. Seria desejável ir além, mas, infelizmente, a localização exata dos vários fenômenos que caracterizam variedades regionais do PB depende, ainda, de um esforço considerável de pesquisa coletiva.

Os atlas linguísticos do português do Brasil

Demarcar a área em que acontece um determinado fenômeno linguístico, traçar no mapa as **isoglossas**, isto é, as divisas das áreas em que a língua é uniforme com respeito à determinado fenômeno, e comparar a extensão geográfica dos vários fenômenos são tarefas que fazem parte de um programa bem mais ambicioso: a elaboração dos atlas linguísticos. Um atlas linguístico tem, além disso, o objetivo de delimitar as variedades regionais de uma língua, localizando suas divisas ao longo das principais isoglossas. Para algumas línguas europeias, existem atlas que dão conta de sua variação em todo o território em que são faladas. É o caso, por exemplo, do francês,

que ganhou seu primeiro atlas no início do século xx. Para a península ibérica, chegou a ser feito *in loco* todo o trabalho de pesquisa necessário para a elaboração do *ALPI* (Atlas Lingüístico da Península Ibérica), que abrangerá inclusive o português e o galego. Mas a elaboração do *ALPI* sofreu muitos percalços. Somente o primeiro volume foi publicado, e a continuação dos trabalhos precisou ser assumida por uma universidade canadense.⁷

O primeiro mapa das variedades do português brasileiro

Nas primeiras etapas de edição de *xx*, apareceram no Brasil vários trabalhos que tratavam de uma variedade regional específica do português brasileiro: *O dialeto capira*, de Amadeu Amaral (sobre São Paulo – 1920/2; ed. 1953), *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922), *A linguagem dos cantadores*, de Clóvis Monteiro (sobre o Ceará – 1934), *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (sobre Alagoas e Pernambuco – 1938), *Alguns aspectos da fonética sul-tiograndense* de Epiódio Ferreira Paes (1938), *O falar mineiro e Os estudos de dialetologia portuguesa*, de J. A. Teixeira (sobre Goiás – 1944). Foi numa dessas obras, a de Nascentes, que apareceu o primeiro mapa das variedades regionais do português brasileiro de que temos conhecimento.

No contexto do livro, o mapa visava apenas a localizar geograficamente o carioca, distinguindo-o como uma variedade do fluminense, mas nem por isso o mapa é pobre em surpresas. Note-se que:

- há uma separação principal entre Norte e Sul, estabelecida por uma linha (ou mais precisamente, uma faixa) que vai de acordo com Antenor Nascentes, “da foz do rio Macuri, entre o Espírito Santo e a Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no estado de mesmo nome, passando cerca de Teófilo Otoni, Minas Novas, Bocaiuva, Pirapora, Serra da Mata da Corda, Carmo do Paranába, rio Paranabalba, rio São Marcos, Arrendidos, Santa Luzia, Pirenópolis, Rio das Almas, Pilar, foz do rio dos Araés, Cuiabá e Mato Grosso”.⁸ As características da fala que justificam a divisão são a pronúncia das vogais protônicas (abertas ao norte, fechadas no sul), e a “cadência”;
- os nomes de algumas variedades lingüísticas evocam nomes de estados, mas a área dos dialetos não coincide com o território desses estados: o amazonense é falado no Amazonas, Pará e Acre; o baiano, o fluminense e o sulista ocupam grandes áreas de Minas, restringindo o mineiro ao centro do estado etc.;
- há no centro do país uma grande área (aproximadamente do tamanho da França) qualificada de “incarcaterística”;
- não se fazem distinções no interior do sulista e do nordestino.

Se Nascentes o fizesse hoje, o mapa seria com certeza muito diferente: as informações que temos desmentem a uniformidade do nordestino e do sulista, e o

fenômeno que ele chamou intuitivamente de “cadência” seria provavelmente explicado em termos mais exatos, por exemplo, como uma diferença no modo de obter isocronia na fala.

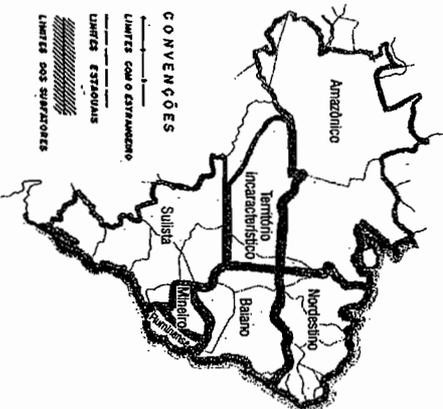
Mas o que realmente tornou desatualizado o mapa de Nascentes foram as profundas mudanças ocorridas no país: hoje, outros pontos de referência seriam usados para traçar a linha Macuri–Mato Grosso, que passa a poucos quilômetros de Brasília; não há mais “territórios carcaterísticos”, mas sim territórios que sofreram rápidas transformações, e foram alvo de uma migração interna às vezes descontrolada.

Algumas das divisórias traçadas por Nascentes coincidem com as divisas dos novos estados de Tocantins e Mato Grosso do Sul e não é de surpreender que assim seja:

esses novos estados são diferentes de Mato Grosso e Goiás não só por suas características físicas, mas também por razões de colonização, história e cultura. Não é absurdo pensar que algumas dessas diferenças tenham tido reflexo na linguagem e que Antenor Nascentes, que percorreu o Brasil “do Olapoque ao Xuí, do Recife a Cuiabá”, pesquisando as diferenças de fala, tenha percebido tudo isso.

Seja como for, a divisão proposta por Nascentes continua sendo um marco na história lingüística do Brasil: 1) por ter fornecido um diagnóstico importante da geografia do português brasileiro nos anos 1950; 2) por ser ao mesmo tempo abrangente e clara; e 3) porque fez germinar a idéia de um atlas lingüístico brasileiro.

Nota: As palavras *protônicas* e *Xuí* foram grafadas, como no texto, de acordo com a *Prótonica* é o mesmo que *pré-tônica*, mas com o prefixo grego *pró-* em vez de *pré-*. “Xuí” visava provavelmente a fonética de origem indígena.



No Brasil, a idéia de um atlas lingüístico de abrangência nacional foi

cogitada pela primeira vez em 1922, quando o filólogo Antenor Nascentes lançou o livro *O linguajar carioca* (ver o quadro “O primeiro mapa das variedades do português brasileiro”, na p. 170). A idéia reaparece na segunda edição do mesmo livro em 1953. Trabalhando com os recursos da época (ou seja, fazendo do ouvido e da memória seus principais instrumentos e recolhendo informações de maneira impressionista, em viagem pelo país), Antenor Nascentes separou no Brasil dois grandes grupos de falares — os do Norte, compreendendo o amazônico e o nordestino, e os do Sul,

compreendendo o baiano, o mineiro, o fluminense e o "sulista". Segundo Nascentes, a principal divisão justificava-se por dois critérios: (1) "a cadência" e (2) "a existência de protônicas [sic] abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em -mente".⁹

O projeto de um atlas linguístico brasileiro é, portanto, antigo, e sempre foi considerado prioritário pelos linguistas brasileiros, mas esbarrou em dificuldades de organização e, sobretudo, de custos: para elaborar um atlas linguístico é preciso estabelecer no território a ser estudado uma rede de pontos, em cada um dos quais várias características da linguagem que o atlas pretende representar serão pesquisadas mediante entrevistas à população; é fácil imaginar os custos de deslocar equipes de pesquisadores que deveriam realizar suas entrevistas em milhares de pontos do território nacional.

Diante das dificuldades de um atlas linguístico para o Brasil como um todo, o que prevaleceu na segunda metade do século passado em matéria de geografia linguística foram os atlas regionais. Entre 1960 e 2002 foram publicados os seguintes:

- Atlas prévio dos falares baianos*, Nelson Rossi, 1960-1962 (publicado em 1964);
- Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*, Mário Zaggari, 1977;
- Atlas linguístico da Paraíba*, Maria do Socorro Aragão, 1984;
- Atlas linguístico de Sergipe*, Carlota Ferreira, 1987;
- Atlas linguístico do Paraná*, Vanderci de Andrade Aguilera, 1990;
- Atlas linguístico e etnológico da região Sul*, Walter Koch, 2002.

Elaborados por equipes diferentes, num período de mais de quarenta anos, esses atlas não procuram responder de maneira exata às mesmas perguntas (por exemplo, os últimos mostram a preocupação de associar a descrição linguística à descrição da cultura da região) e não usam exatamente as mesmas metodologias. São, contudo, as fontes mais importantes de que dispomos para visualizar a distribuição regional de muitos fenômenos linguísticos e trazem informações altamente confiáveis, e às vezes surpreendentes, para o tipo de problemas que se propuseram a equacionar.

Hoje, a idéia de um atlas linguístico de abrangência nacional está mais viva do que nunca. Essa iniciativa foi relançada com toda força no seminário "Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil", realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, em novembro de 1996. Nesse seminário, que contou com a participação de dialetólogos brasileiros ligados aos principais projetos de atlas linguísticos regionais e de dialetólogos estrangeiros interessados na geolinguística das línguas românicas, foi lançado o Projeto AIB, que tem por objetivo "descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com

ênfase prioritário na identificação de diferenças diatópicas – fônicas, morfológicas e léxico-semânticas".

A elaboração de atlas linguísticos conta hoje com um aliado poderoso: a informática; há equipes de linguistas trabalhando na elaboração de atlas desse tipo nos seguintes estados: Acre, Amazonas, Ceará, Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro, e qualquer pessoa pode informar-se detalhadamente sobre o andamento dos trabalhos do Projeto AIB, acessando o site www.aib.kit.net. Aliás, foi nesse site que encontramos muitas das informações apresentadas nesta seção.

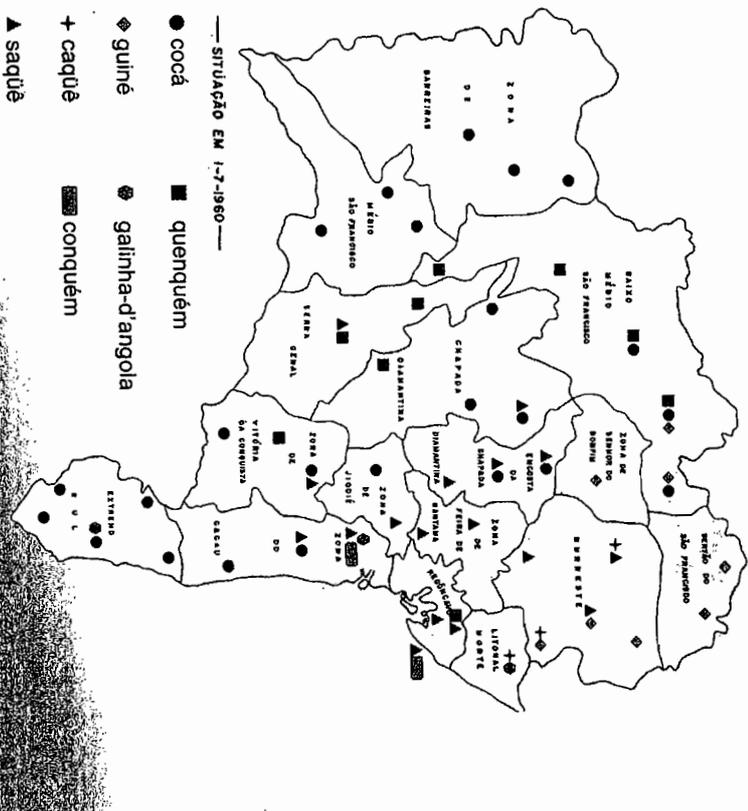
O atlas prévio dos falares baianos

O atlas prévio dos falares baianos, publicado no Brasil é o Atlas prévio dos falares baianos, de Nelson Rossi. Veio a público em 1964 pelo Instituto Nacional do Livro, como resultado de uma pesquisa de vários anos, que envolveu uma equipe de 25 pesquisadores. Compõe-se de um livro de introdução e de cerca de 200 mapas de grande formato que descrevem a realidade linguística do território estudado.

O Atlas de Nelson Rossi refere-se ao estado da Bahia e não propriamente ao conjunto dos dialetos baianos que – de acordo com as observações feitas alguns anos antes por Antenor Nascentes, são falados não só naquele estado, mas também no norte de Minas Gerais, em Tocantins e Alagoas.

Para mapear linguisticamente a área estudada, Nelson Rossi e sua equipe selecionaram (evitando os grandes centros) um total de 50 pontos a serem pesquisados – povoados, vilas e cidades distribuídas de modo a representar todas as áreas fisiográficas do estado (sertão do São Francisco, nordeste, litoral norte, recôncavo, zona do cacau etc.). Nesses pontos, os pesquisadores realizaram entrevistas cujo objetivo era conhecer as denominações para certas realidades. Por exemplo, os entrevistados deveriam dizer como é chamado o boi de cor branca e preta (carta 132), e deram respostas como *plintado*, *marinha*, *pavanês*, *mestiço*, *tingido*, *lino*, *chuviscado*, *mouro*, *couro de raposa*, *raposado*, *lavrado*, *patipo*, *malhado*, *manchado*, *chilado* e *borralho*. O Atlas é extremamente cuidadoso no registrar pequenas diferenças de pronúncia, distinguindo, por exemplo as pronúncias [pishnel], [pishnel] e [pishnel] (as diferenças são de nasalização).

O Atlas de Nelson Rossi reserva a seus leitores uma série de surpresas: por exemplo, na carta dedicada aos nomes populares para óculos, é possível encontrar formas parecidas com *plincenê* (que remonta à palavra francesa, *plince-nez*) e *luneta* (que na língua padrão descreve um tipo pequeno de telescópio); na carta dedicada aos agasalhos de inverno é possível encontrar as denominações *cachinê*, *cachicó*, *fichu* e *boa*, que remontam ao francês *cache-nez*, *cache-col*, *fichu* e *boa*. Reproduzimos a seguir as informações da carta 65, uma das mais regulares, que traz as denominações da galinha-d'angola. Alguns detalhes fonéticos foram omitidos para melhor visualização do mapa.



Algumas amostras de um dialeto de transição: português/espanhol

Quando se trata de transição entre espanhol e português, as pessoas pensam imediatamente no *portunhol*, que é uma distorção deliberada mediante a qual os falantes de uma das duas línguas tentam aproximar-se da outra. O portunhol não é, nesse sentido, o vernáculo de ninguém. Há, contudo, na região noroeste do Uruguai alguns falares vernaculares que combinam traços das duas línguas ibéricas. Esses falares são conhecidos localmente como *carimbão*, *basão* ou simplesmente *brasileiro*. Nessa região foi sempre muito forte a penetração de brasileiros vindos do Rio Grande do Sul, e ela foi a última a receber colonos uruguaios. No final da década de 1980, o linguista uruguaio Adolfo Elizaincín e seus colaboradores (1987) descreveram algumas dessas variedades. Do material que ele levantou na época, transcrevemos (utilizando o Alfabeto Fonético Internacional) o trecho que segue, no qual o entrevistado, um adolescente, explica como ajuda o pai nos trabalhos do campo:

de pos ke 'jego d is'kolia vo pa u 'kampu, ag'u'da meu pai
ajudo a Reco'Re 'kampo. 'este... 'pongo alam'brado, alam'bremo,
ajudo 'eli alam'bra.
des'po 'kuando 'moRe algum ani'mal a'sudo eli a kueri'á i te'gemo pra
as, pra a 'stansja.
i des'pos tra'jemos as 'baka ke re'seijn 'deni 'kria pa... pra orde'jna i
des'po tra'Semos us ter'nura
[s'ij] pa as 'kaza pa 'otro 'dia di m'ajna orde'jna.
Depois que chego da escola vou para o campo ajudar meu pai.
Ajudo a recorrer campo. Isso. Ponho alambrado, alambramos, ajudo
ele a alambrar.
depois, quando morre algum animal ajudo ele a courear e chegamos
para as para a estância
E depois trazemos as vacas que recém deram cria pa... para
ordenhar e depois trazemos os terneiros para as casa para outro dia
de manhã ordenhar.

Deixamos ao leitor a tarefa de confirmar que a gramática de este dialeto é a mesma
como muitos traços de sua fonética e português.

Variação diastrática

A principal conclusão da seção “Variação diastrática” é que, no Brasil, não encontramos verdadeiros **dialeto**s no sentido diastrático do termo. Encontramos, em compensação, uma séria diferença entre o português falado pela parte mais escolarizada da população (que, não por acaso, é também a parte mais rica ou menos pobre) e pela parte menos escolarizada. É o fenômeno que os linguistas chamam de **variação diastrática** (etimologicamente: o tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população). Referida às vezes como “português subpadrão” ou “português sub-*standard*”, a variedade de português falada pela população menos escolarizada foi descrita por vários estudiosos, entre eles Castilho,¹⁰ que enumera assim suas principais características:

- Fonética
- queda ou nasalização da vogal átona inicial: *incelência* por *excelência*;
- queda de material fonético posterior à vogal tônica: *figo* por *figado*, *Ciço* por *Cicero*, *centimo* por *centímetro*;
- perda da distinção entre vogal e ditongo antes de palatal: *pexe* por *peixe*;
- monotonização de ditongos crescentes em posição final: *sasitância* por *subsistência*;
- uso de [j] por [i]: [ˈfoja] em vez de [ˈfoai];

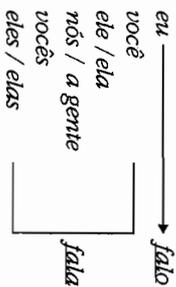
Morfologia

- perda do -s da desinência da primeira pessoa plural: *nóis cantamo*, *nóis cantemo* por *nós cantamos*;
- anteposição do advérbio de comparação a adjetivos que já são comparativos: *mais mió* em vez de *melhor*;

Sintaxe:

- uso de uma única marca de plural nos sintagmas nominais complexos e ausência de marca de concordância na 3ª pessoa do plural do verbo, particularmente com sujeito posposto (*os doce mais bonito são / é para as visita. Quando chegou os bombeiro já não tinha mais nada pra fazer*);
- negação redundante com indefinidos negativos (*ninguém não sabia*);
- aparecimento de um segundo advérbio de negação depois do verbo e eventual queda do advérbio de negação anteposto: *não vem não ou vem não*;
- a oração relativa adota as construções conhecidas como cortadora ou copiadora: *a casa que eu morei* ou *a casa que eu morei nela* (em vez da construção padrão *a casa em que morei*);
- uso dos pronomes do caso reto na posição de objeto: *eu vi ele*, *a mulher xingou eu*.

Por razões tanto pedagógicas como científicas, é importante perceber que as formas e construções do português *sub-standard* fazem parte de uma variedade de língua que tem uma gramática própria, e que essa gramática permite uma comunicação muito eficaz. No português subpadrão que se fala no Brasil, a conjugação verbal reduziu-se, é verdade, a duas formas:



Comparado com a representação da gramática normativa, que traz seis formas e seis pronomes diferentes, esse paradigma verbal tem tudo para parecer pobre. Mas o inglês e o francês falado também usam só duas ou três formas, e ninguém se lembraria de dizer que isso é um problema para aquelas línguas. Note-se que a variante subpadrão que distingue *nóis cantamo* de *nós cantemo* consegue distinguir morfológicamente dois tempos do verbo (o presente e o pretérito perfeito), uma diferença importante que o português brasileiro culto não consegue marcar e que o português europeu marca por uma distinção de nasalidade.

Em suma, quando tratamos de qualquer variante *sub-standard* do português brasileiro, estamos diante de outro código, e não de erros devidos às limitações mentais dos indivíduos que o empregam. Do ponto de vista pedagógico, é fundamental perceber que os alunos que chegam à escola falando uma variante subpadrão precisam aprender a variedade culta como uma espécie de língua estrangeira; isso não significa que essas crianças devam ser poupadas do aprendizado da língua padrão, cujo valor cultural é inegável; significa apenas que a criança que sempre falou *calipe*, para chegar a escrever <*eucaípto*>, terá de aprender essa palavra como uma palavra nova e, portanto, terá de dar dois passos em vez de apenas um. Infelizmente, muitos de nossos mestres de primeiras letras não param para pensar nesse tipo de dificuldade; com isso, é possível que acabem gastando muita energia no uso de estratégias pedagógicas equivocadas ou que tendam a subestimar a capacidade de seus alunos, quando o problema é outro.

As variedades subpadrão de uma língua têm poucas chances de aparecer na escrita, por isso, se quisermos encontrar exemplos escritos de português subpadrão, teremos de procurá-los ou em entrevistas feitas pelos linguistas, precisamente com a finalidade de registrar sua existência, ou em trabalhos de autores que a utilizaram para fins estéticos (por exemplo, para caracterizar determinados tipos humanos). Damos a seguir um exemplo de cada caso: o primeiro é a transcrição de uma entrevista feita com um adolescente de Goiânia, que viu um colega ser baleado pela polícia militar, durante uma batida na favela; no outro, aparecem as letras de dois sambas de Adoniran Barbosa.

Entrevista sociolinguística com menino de rua de Goiânia

Entrevista: sociolinguística com menino de rua de Goiânia

Antecedentes da pesquisadora: urbano

Antecedentes do menino: "rurano"

Estilo: seminonitorado

Evento de oralidade

Pesquisadora: Você quer contar como os policiais mataram o Adauto?

Menino: Nóis tava dormino lá em casa, às três hora da manhã, i os pm chegaro, deu um tiro na porta, pegô na perna do "fulano" aí em seguida ez arrebetô a porta, aí deu o tiro, pegô na cabeça do Adauto, ez viro que tinha

Celso

(1) Ana
(1) Ana

acertado o Adauto. Falaro: "Vamo sai fora que centô o menino aqui"... salu tudo correno os policiais; ai desci de cima do armário, corri na porta, pa ve se eu via o número da viatura deze mas num consegui, voltei lá o Adauto já tava quase parano o coração dele, fiz massage nele, consegui deixá ele vivo mais um poco, foi eu... foi eu e o "Juliano" buscá socorro pra ele.

Pesquisadora: E onde vocês foram?

Menino: Nós fomo nu'a casa, lá em frente, aí o home deu sisença pra nós.

Pesquisadora: É? Levou o menino pro hospital?

Menino: Levou os dois.

Pesquisadora: Ah, e aí?

Menino: Aí eu fui dormi lá no horto, aí no oto dia que eu vim aqui na Catedral e contei pro povo aqui, aí fui no hospital c'a tia, aí vi o Adauto lá no cri.¹²

Esse texto é a transcrição de uma entrevista oral, utilizando o alfabeto e as convenções gráficas correntes do português escrito, por isso é mais fácil ler as falas da pesquisadora, que se expressa na variedade padrão. Alguma coisa da fala do menino se perde numa transcrição desse tipo, mas ainda assim as diferenças são notáveis. O quadro a seguir resume as diferenças que encontramos numa comparação ponto a ponto.

Formas típicas da variante-padrão (fala da pesquisadora)	Formas típicas da variante não-padrão (fala do menino)
os infinitivos terminam em <i>-r</i>	O <i>-r</i> final dos infinitivos não é pronunciado: <i>deixá vivo, buscá socorro</i>
a desinência da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito é <i>-ou</i> : <i>levou</i>	a desinência da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito é <i>-ô</i> : <i>pegô, arrebenô</i>
a desinência da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito é <i>-aram</i> : <i>mataram</i>	a desinência da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito é <i>-aro</i> : <i>falaro</i>
aparece a contração (preposição + artigo) <i>pro</i>	aparecem como contrações de preposições + artigos <i>nu'a</i> , (em + uma), <i>pro</i> (para + o), <i>ca</i> (com + a)

Notem-se ainda, na fala do menino, os seguintes traços, típicos da fala não-padrão:

- as formas *tava*, *sisença*, *oto*, *massage* e *home*;
- os gerúndios terminam em *-no*: *dormino*, *viveno*; a construção *foi eu... foi eu* deixá ele vivo (com o pronome *ele* em função de objeto direto);
- a ausência de concordância entre o sujeito e o verbo: *foi eu... foi eu e o "Juliano"*;
- o uso da preposição *pro* (para + o) em vez de *para*.

Antologia Duas letras de Adonirvan Barbosa

Samba do Arnesto

O Arnesto nos convidô
Prum samba ele mora no Brás
Nóis fumo mas não encontremo
ninguém
Nóis vortemo cum a baíta de uma
reiva

Da outra vez nós num vai mais
No outro dia encontremo co Arnesto
Que pidu desculpa mas nós não
aceitemus
Isso não se faz Arnesto
Nóis não se importa
Mas você devia ter ponhado um
recado na porta

Um recado ansim ôi:
ôi turma, num deu pra esperá
Aduvido que isso não faz má
Num tem importância
Num faz má

Assinado em cruz porque num sei
escrevê
Arnesto

Saudosa maloca

Se o sinhô não está lembrado
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Este adifício alto
Era uma casa velha
Um palacete assobradado
Foi aqui seu moço

Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construimos nossa maloca
Mas um dia
Nem quero me-lembrá
Veio os homens cas ferramentas
O dono mandô derrubá.
Pegemo tudo as nossas coisa
E fumos pro meio da rua
Apreciá a demolição

Que tristeza que eu sentia
Cada taubua que caía
Doía no coração
Mato Grosso quis gritá
Mas em cima eu falei
Os home tá coa razão
Nóis arranja outro lugá
Só se conformemos
Quando o Joca talô
Deus dá o trio conforme o cobertor
E hoje nós pega pala
Nas grama do jardim
E pra esquecé
Nós cantemos assim

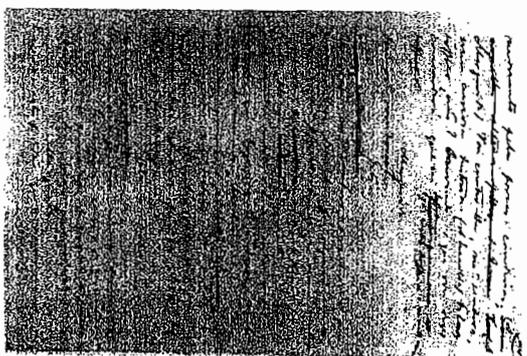
Saudosa maloca
Maloca querida
Dim dim donde nós passemo
os dias feliz de nossa vida.

Muitas características linguísticas destas duas letras de Adoniran Barbosa já foram encontradas no depoimento do menino de Goiânia, e o leitor não terá dificuldade em reconhecê-las. Notem-se, além disso *cobertó* e *lugá*, que apontam para uma tendência para suprimir o -r em fim de palavra também no caso dos substantivos; *encontremo*, *vortemo*, *aceiemo*, e outras formas de pretérito perfeito distintas das formas correspondentes do presente do indicativo (em português padrão isso não acontece); concordâncias como *nóis arranja outro lugar*, em que um verbo de terceira pessoa do singular concorda com um pronome de primeira pessoa do plural. Note-se ainda a sentença: *nóis não se esquece*, em que o verbo concorda com o plural. Note-se ainda a sentença: *nóis não se esquece*, em que o verbo concorda com o plural. Note-se ainda a sentença: *nóis não se esquece*, em que o verbo concorda com o plural.

Variação diamésica

No balanço das dimensões ao longo das quais as línguas podem variar, ao lado da variação no tempo, no espaço e por níveis de escolaridade (ou econômicos), não poderia falar uma dimensão que é às vezes esquecida e que se refere aos vários veículos ou meios de expressão que a língua utiliza. Em paralelo com os adjectivos *diacrônica*, *diatópica* e *diastática*, que foram utilizados e definidos em parágrafos anteriores, podemos denominar esse tipo de variação de **variação diamésica** (etimologicamente: variação associada ao uso de diferentes meios ou veículos).

O falado e o escrito



A ilustração ao lado, extraída de Silva (2003), reproduz uma página do manuscrito de "Linha reta e linha curva", conto de Machado de Assis. As emendas e rasuras que os grandes escritores fizeram em seus manuscritos têm chamado a atenção dos críticos e dos historiadores da literatura, como um meio importante de entender o processo de criação literária. Mas emendar textos escritos é algo que todos fazemos ao redigir. O objetivo é então chegar a um texto correto, fiel ao nosso pensamento e possivelmente elegante, que só será lido em sua forma final. Na forma final dos textos escritos (à diferença do que acontece com os textos falados), as tentativas de redacção que foram abandonadas não aparecem.

A variação diamésica compreende antes de mais nada, as profundas diferenças que se observam entre a língua falada e a língua escrita. Uma longa tradição escolar acostumou as pessoas a vigiar a escrita e a dar menos atenção à fala, por isso muita gente pensa que fala da mesma forma que escreve. Na fala, as pessoas dizem coisas como "nê", "ocês", "dissêro", "têquínico", pensando que dizem "não é", "você", "dissentam", "técnico". Mas a diferença entre o escrito e o falado vai muito além dos fenômenos que dizem respeito à forma das palavras. Entre o escrito e o falado, há uma diferença irreduzível de planeamento.

Quando produzimos um texto escrito podemos pensar previamente sua estrutura em partes, podemos decidir em que ordem essas partes serão dispostas, podemos avaliar formulações alternativas. Se, com tudo isso, o texto escrito ainda nos parecer inadequado, podemos corrigi-lo e modificá-lo, e o resultado final, para aqueles que têm alguma habilidade na escrita, é normalmente um texto que se desenrola linearmente e quase não apresenta retornos e redundâncias. Além disso, o texto escrito é tipicamente um texto que terá de falar por si e que não supõe por parte do seu destinatário um conhecimento muito exato da situação em que foi produzido (à menos que essa situação seja descrita no próprio texto).

Bem diferente é o caso dos textos falados: eles podem tirar partido da situação de fala de várias maneiras (por exemplo, dispensando a necessidade de descrever os objetos e pessoas que estão presentes na atenção dos interlocutores); além disso, os textos tipicamente falados são planeados à medida que são produzidos, por isso o mais comum é encontrar neles um grande número de reformulações sucessivas e sempre parciais de um mesmo conteúdo: uma mesma informação que foi apresentada inicialmente de forma incompleta ou inexacta vai sendo reapresentada em seguida de maneira mais pertinente, num processo de correções, acréscimos e reformulações que não tem a ver com as sentenças bem acabadas e totalmente explícitas que os gramáticos costumam usar em seus exemplos. Em oposição ao desenvolvimento "retilíneo" do texto escrito, já se disse que o desenvolvimento mais típico dos textos falados traça uma espécie de espiral que atropela a si própria.



... falado: que por língua falada, quando se trata de uma verdadeiramente falada, então, pode-se dizer que nos chegam pelo ouvido de quem os ouve (e não verdadeira mensagem falada: o telefonista, os discursos das convenções políticas, as conversas telefônicas com que nos atormenta o telemarketing, por exemplo, são exemplos de língua lida, isto é, de língua que foi escrita para ser posteriormente falada, e suas características são outras.

É muito difícil, não só para os leigos, mas também para os especialistas, pensar qualquer aspecto das grandes línguas ocidentais sem evocar, de maneira automática, uma de tantas representações tradicionais, construídas em sua maioria com base na língua escrita. Essas representações tradicionais costumam trazer respostas prontas para as perguntas do estudioso, o que é confortável, mas não levam necessariamente a novas descobertas. Devido a essa situação, e ao peso que os textos escritos sempre tiveram na elaboração de modelos para a atividade linguística, as especificidades da língua falada ficaram, por muito tempo, invisíveis. Um passo gigantesco para reverter essa situação, no Brasil, foi dado com o Projeto da Gramática do Português Falado, uma grande iniciativa de pesquisa coletiva, idealizada e coordenada pelo linguista brasileiro Aaliba Teixeira de Castilho. Esse projeto já produziu vários volumes de estudos preliminares, em que se descrevem diversas características da língua falada,¹³ mas seu final, prometido para breve, será uma grande gramática de consulta, que dará à sociedade brasileira uma representação fiel da língua que ela fala e permitirá reformular o ensino em bases mais objetivas.

Autologia
Uma transcrição direta da língua falada

Uma transcrição direta: perceber a enorme diferença que há entre a língua escrita e a língua verdadeiramente falada consiste em ler uma transcrição não editada de um autêntico episódio de fala. É o que se propõe na leitura que segue. Trata-se de um trecho de entrevista gravada pelos pesquisadores do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (Nuroc), um vasto projeto que começou no final dos anos 1960, e que visava a determinar como falam as pessoas cultas das grandes cidades brasileiras. Da entrevista participam duas pesquisadoras e uma informante, e o tema são as experiências da informante em matéria de espetáculos (teatro, televisão, cinema). No trecho selecionado, a informante narra um episódio que marcou sua adolescência: a participação como membro do corpo de baile num espetáculo, em que uma companhia russa apresentou o balé "O Pássaro de Fogo". Para maior facilidade de leitura, numeramos os turnos (T1, T2... T15); as duas documentadoras e a informante são identificadas, respectivamente, pelas siglas 'Doc A' e 'Doc B' e 'Inf'.

(T1) Inf: como 'Hair' você já imaginou para (ruído de garganta) para fazer apanha 'Hair' quantas gente, que não foi... éh éh (não foi éh...)

(T2) Doc A: uhn uhn
(T3) Doc B: assisti
(T4) Inf: tenho impressão que ali levou tanto tempo de ensaio... bom eu quando tinha uns dezoto quinze a dezoto anos eu estudei balé... e tive oportunidade de trabalhar fazer uma cena com o o o balé russo... eu era ali/ aluna da Maria Ulineva... então para mim era uma novidade né? teatro porque só estudando estudando estudando quando chegou o balé russo aqui em São Paulo eles pediram que as alunas, do do do da Prefeitura que éramos nós... aquele grupo T.O do fosse fazer cena num num dos números que eles apresentaram era 'Pássaro de Fogo' me parece... eu achei aquilo horrroso viu? me chocou tremendamente porque... éh por detrás dos bastidores é Uma coisa horrível né?... é tudo tão... parece tão tão mascarado sei lá e quando aparece em cena o público vê uma coisa totalmente bonita né?... aquelas luzes... quer dizer aquilo me chocou era tão criança eu me lembro que eu... já achava... diferente o Municipal era LINDO maravilHOso visto do lado de cá né?

(T5) Doc A: uhn uhn
(T6) Inf: do outro lado e qual é esse outro lado a que a senhora se refere?

(T7) Doc A: eu digo os camarins a preparação toda para entrar... principalmente no no corpo de baile né? de... que o pessoal todo tem que se exercitar e mudar muito de roupa... eu ach... quer dizer eu tive pouco pouco tempo, eu estudei acho que uns três anos balé três ou quatro... e não tive assim apresentação em teatros néim nada... depois eu larguei mas nessa vez que o Balé Russo veio para cá que nós fomos fazer tudo com eles para eles... eu achei aquilo me chocou... sei lá achei... por detrás dos bastidores uma coisa me donha uma bagUNGA tremENda...

(T9) Doc A: aquelas cenas, que eles mudam rapidamente, quer dizer é um mundo de gente a trabalhar né?... e a atrapalhar também (risos) e onde é que as bailarinas se trocavam se maquiliavam? há um lugar específico ou não?

(T10) Inf: sim tem os camarins né? e lá nos camarins é a coisa mais bagUNcada que tem... (risos) e roupa é uma correntia danada é sei lá eu achei aquilo me chocou tanto viu... porque a gente vê tão bonito né?

(T114) Doc B: Um... eu achei, mas eu tive pouco tempo... com essa parte... assim de balde... eu estudei... não me apresentei... quase nada... apesar de gostar muito... ter gostado né? (risos)

(T113) Doc A: escuta Dona I, passando assim mais agora para o cárripo de filme... eu queria saber qual o tipo de o que mais chama atenção da senhora no que diz respeito a cinema? não é? eu sei que a senhora já a senhora já disse que não gosta de drama gosta de comédia

(T114) Inf: comédia

(T115) Doc A: porque de drama já chega a vida tá? (risos) (Inquérito Nurc did SP 234)

Embora a entrevistada seja uma pessoa lúcida e articulada, o texto é de difícil leitura, precisamente porque não foi escrito para ser lido. Como é típico na fala, encontramos nele:

- "falsos começos": *eu era ali...* (T4);
- "marcas de hesitação", por exemplo, as repetições "*estudando, estudando*", "*o o o*", "*num, num*" (T4);
- muitas reformulações: fixemo-nos no trecho em que a entrevistada explica o que mais impressionou a informante em sua participação no espetáculo:
 - me chocou tremendamente
 - me chocou,
 - me chocou, sei lá

eu achei aquilo	horroroso,
eu achei aquilo,	uma coisa, medonha,
... achei por trás dos bastidores	uma bagunça tremenda

- É necessário "compactar" todos esses trechos para entender que a impressão mais marcante resultou da visão do que acontecia atrás dos bastidores; e que a cena impressionante nos bastidores é a agitação de pessoas que precisam, ao mesmo tempo, fazer movimentos e trocar de roupa;
- partículas como *né, viu?*;
- expressões como *(eu) acho ou sei lá*;
- expressões intercaladas, como *bom* (T4) ou *agora* (T13).

Todos esses aspectos desapareceriam se a informante estivesse produzindo um texto escrito, e de fato dificultam nossa leitura da transcrição do diálogo. Na língua falada, porém, eles são necessários e altamente funcionais:

- as reformulações resultam do fato de que a fala é planejada e executada "em tempo real", isto é, ao mesmo tempo em que é produzida; por sua vez, o ouvinte sabe que as informações trazidas por enunciados sucessivos de um texto falado precisam ser processadas cumulativamente;

partículas como *né* e *viu* são uma forma de monitorar a atenção do interlocutor à medida que o diálogo se desenrola, garantindo, por assim dizer, que ele não "desligou". Tem a mesma função que, numa conversação telefônica, seria reservada a perguntas como "você está aí? você está me ouvindo?" (tecnicamente, esse controle de que "a ligação não caiu" é conhecido como "função fática").

- expressões intercaladas como *bom* ou *agora* (T4 e T13) anunciam uma mudança de tópico e nesse sentido têm um papel que corresponde, na escrita, ao do recuo da linha;
- usando expressões como *eu acho* ou *sei lá*, a informante procura evitar que suas opiniões sejam tomadas como excessivamente categóricas, ou inegociáveis, o que poderia ser interpretado como uma forma de arrogância, passando uma imagem negativa de quem fala;
- quanto às repetições que interpretamos como marcas de hesitação (pausas cheias), elas evitam um silêncio que poderia ser interpretado como interlocutor como final de turno; recorremos ao exemplo de "segurar" o turno, que de qualquer modo não é um recurso para evitar o interlocutor mas, na verdade, para garantir a continuidade da fala.

Os gêneros

Todas essas observações convergem para um mesmo ponto: a ideia de que existe uma "gramática do falado", que não coincide com a "gramática do escrito". Essa é uma das principais descobertas feitas desde que se começou a explorar a variação diamesica das línguas, mas não é a única. Na variação diamesica podemos também enquadrar outro importante fator de variação da língua: o gênero discursivo. Conforme o gênero a que pertencem, os textos, sejam eles falados ou escritos, apresentam um vocabulário e uma gramática próprios.

Ao falar em gêneros aqui, não estamos pensando em gêneros literários, mas sim em tipos de textos que podem ser encontrados na vida de todos os dias, e que se caracterizam por ter determinadas funções e por ter como autores e receptores indivíduos que compartilham interesses mais ou menos previsíveis. Perguntemo-nos, por exemplo: como é a língua do discurso político? Como é a língua da burocracia? Como é a língua que se escreve nos jornais e nas grandes revistas de informação e entretenimento? Como são escritos os ensaios "científicos" (entre eles, as teses e dissertações ligadas aos graus acadêmicos e à carreira universitária)? Como se exprimem os usuários do e-mail e dos grupos de *chat* que surgiram depois do advento do computador? Como são apresentadas as informações nas páginas da internet?

Não há necessidade de análises aprofundadas para perceber que esses diferentes gêneros têm uma tradição própria e utilizam uma linguagem fortemente marcada pela natureza do veículo adotado em sua transmissão.

Um bom exemplo disso é o tratamento que eles dão àquilo que poderíamos chamar de informações complementares: uma tese universitária pode incluir informações complementares como anexo (no final) ou como nota de rodapé; no texto principal, as mesmas informações seriam interpretadas como digressões, e obrigariam a mobilizar um ou outro dos recursos linguísticos que se usam para assinalar as digressões e para justificá-las num texto (do tipo "*vamos agora tratar de um assunto ligado a nosso tema principal... voltamos agora ao tema principal de nosso estudo*"); o jornal e a revista de entretenimento, por sua vez, podem transformar as digressões em *boxes*, isto é, caixas que trazem textos marginais relacionados, mas independentes (do tipo "para entender o episódio" ou "saiba mais sobre este assunto"); nas páginas da internet a possibilidade de abrir um número indeterminado de "janelas" ou "links" faz com que o leitor-usuário se situe desde os primeiros cliques em pleno hipertexto.

Todos esses gêneros, além de ter marcas exteriores próprias, e de obedecer a convenções interpretativas próprias, fazem também um uso muito particular da língua, chegando às vezes a desenvolver uma sublíngua exclusiva. A sublíngua de um gênero caracteriza-se normalmente não só pela frequência maior de certas palavras, reflexo de uma inevitável concentração em determinados temas, mas pode ser marcada também pela alta frequência de construções gramaticais que não seriam comuns em outros gêneros. De novo, estamos falando de coisas que pertencem à nossa experiência diária: talvez o leitor se lembre da primeira vez que precisou ler um boletim de ocorrência policial (e ficou pasmado em ver que seu carro não *vinha na mão*, mas *procedia pela mão de direção*, ou que todo indivíduo de comportamento suspeito foi imediatamente reclassificado como um *elemento*); ou talvez o leitor se lembre da primeira vez que precisou ler o manual que, segundo dizem, "orienta" o preenchimento da declaração do Imposto de Renda para pessoas físicas e achou que estava lendo um texto em língua estrangeira: são situações pelas quais muita gente já passou e que têm em comum uma sensação de estranhamento causada pela linguagem. Esse "choque" é o melhor sintoma de como é difícil lidar com a variação diamétrica da língua.

Textos da Ata da 93ª reunião do Copom, 17-18/4/2004

Este gênero é melhor como os gêneros utilizam uma língua por assim dizer "própria", próprios do leitor: a leitura de alguns parágrafos de "economês": Eles foram extraídos de um documento bem mais longo, a ata da 93ª Reunião do Copom, o órgão do Banco Central do Brasil que responde pelo controle da inflação no país, e

que tem sido responsável por uma série de decisões polêmicas sobre um número que afeta a vida de todos nós: a taxa de juros.

Evolução recente da inflação

4. No atacado, observou-se estabilidade na evolução do IPI, ao variar 0,75% em janeiro, ante 0,74 do mês anterior. Esse comportamento foi resultante do recuo nos preços agrícolas e da continuidade da elevação nos preços industriais. O IPI-agrícola registrou variação de -0,34% em janeiro, após alta de 0,59% em dezembro, refletindo, principalmente, as quedas nos preços do grupo animais e derivados (aves, bovinos, leite e ovos), que mais que compensaram as elevações nos itens alimentos *in natura*, café e feijão. A variação dos preços industriais atingiu 1,2%, ante 0,8% em dezembro, mostrando elevação pelo terceiro mês consecutivo. Esse grupo é afetado pela elevação nos preços de commodities, movimento que se refletiu na elevação do índice de preços no atacado tanto pelo seu efeito direto nos preços de bens de produtos, como pelo encarecimento dos produtos finais. Nesse sentido, destacaram-se no resultado do IPI industrial de janeiro as altas observadas na indústria metalúrgica (ferro, aço e derivados e metais não ferrosos), química (matérias plásticas, fertilizantes e outros) e material de transporte. No ramo tecidos, vestuário e calçados, a variação mensal estabilizou-se, mas continuou elevada pelo terceiro mês consecutivo, ainda refletindo os efeitos do aumento do preço do algodão.

6. A variação do núcleo para o IPCA em janeiro, calculado pelo método das médias apartadas, também mostrou-se estável em patamar alto, assinalando variação de 0,73 ante 0,72 em dezembro. A variação acumulada nos últimos doze meses atingiu 10,47%. A mesma medida, quando calculada sem o procedimento de suavização de itens preestabelecidos, apresentou aceleração pelo terceiro mês seguido, tendo variado 0,63% em janeiro ante 0,54% nos últimos doze meses.

7. A variação para o núcleo de inflação para o IPC-Br, calculado pela Fundação Getúlio Vargas (Fev) pelo método das médias apartadas simétricas, elevou-se a 0,65% em janeiro, ante 0,46% em dezembro, acumulando alta de 8,89% nos últimos doze meses.

8. O impacto do arrefecimento recente dos preços da alimentação – refletindo o início da safra e a desaceleração dos preços *in natura* – tende a atenuar os efeitos de pressões que ainda persistem sobre os índices de preços em fevereiro. Nos índices de preços no atacado, esse movimento ainda é percebido pelos resultados parciais divulgados até o momento, devendo a queda dos preços agrícolas intensificar-se ao longo do mês. Por outro lado, a evolução dos preços industriais deve continuar refletindo, principalmente, os reajustes de insumos utilizados pelo setor. Em relação ao IPCA deverão contrapor-se a evolução favorável dos preços da alimentação, de maneira destacada, os efeitos dos reajustes de preços no grupo educação, dos planos de saúde e das tarifas de ligações telefônicas de fixo para móvel.

O documento em questão foi um dos primeiros textos oficiais de seu gênero produzidos depois que Luiz Inácio Lula da Silva se elegeu presidente, e desencadeou uma série de críticas de intelectuais de esquerda que esperavam que a nova administração adotasse um discurso menos técnico e mais compreensível para a população. Como era de esperar, essas pessoas deixaram marcada sua irritação com o abuso de expressões técnicas que poderiam, em princípio, significar qualquer coisa (como o *método das médias aparadas simétricas* ou o *procedimento de suavização de itens preestabelecidos*). Poderiam igualmente ter notado o uso do latinismo *in natura* e de outros possíveis latinismos como a preposição *ante* e a forma participial (*é*) *resultante*. Basta correr os olhos pelo texto para ver que ele usa e abusa de números e siglas, estas últimas tratadas como substantivos de pleno direito, sofrendo eventualmente a aplicação de restritivos (o *IPC-agrícola*, o *IPC-industrial*). Esses recursos contribuem para uma certa concisão, mas também contribuem para tornar o texto bastante opaco para o leitor.

Se quiséssemos caracterizar melhor a “sintaxe do economês” a partir deste texto, haveria muito mais a observar: 1) o uso constante de parênteses para introduzir subclasseificações (...*indústria metalúrgica (ferro, aço e derivados e metais não ferrosos)*...); 2) a aplicação de sintagmas nominais determinantes ao substantivo determinado, sem a mediação da preposição (o *ramo tecidos, vestuário e calçados* em vez de o *ramo de tecidos, vestuário e calçados*); 3) e a alta incidência de orações reduzidas de gerúndio (a *variação mensal continuou elevada* [...] *refletindo os efeitos do aumento do algodão*, o *IPC-Br elevou-se a 0,65% em janeiro*, *ante 0,46% em dezembro*, *acumulando alta de 8,89%*).

Acima de tudo, o que marca este texto é o chamado “estilo nominal”. Com efeito, na maioria das sentenças do texto, o verbo tem pouco ou nenhum valor informativo (é altamente previsível) e limita-se em última análise a introduzir o substantivo que é o

verdadeiro responsável por dar alguma informação (*registrou variação = variou, mostrou elevação = subiu, e assim por diante*). Um bom teste para reconhecer o tanto de economês que há nesse trecho consiste em tentar traduzi-lo para o português comum: em português comum, o estilo nominal é normalmente evitado; por isso, a primeira frase do texto, que retranscrevemos aqui em (i), soaria mais ou menos como (ii):

- (i) “No atacado, observou-se estabilidade na evolução do IPA, ao variar 0,75% em janeiro, ante 0,74% do mês anterior”,
 (ii) Em janeiro, os preços subiram 0,75% no atacado e 0,74% no varejo. O índice de preços no atacado subiu 0,74%; o aumento do preço de janeiro em relação ao mês anterior foi de 0,01%.”

A variação na variação

Encerramos este capítulo sobre variação propondo ao leitor mais duas leituras de textos. Com isso, pretendemos levá-lo a fazer conosco duas constatações importantes. A primeira é que a variação diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica **convivem**: elas não são características que possam ser aplicadas em separado a alguns textos e não a outros. Assim, qualquer produção verbal é simultaneamente marcada do ponto de vista diacrônico, diatópico, diastrático e diamésico. Para mostrar como isso acontece, propomos que o leitor se detenha antes de mais nada na letra de um rap que fez sucesso entre os jovens, nos primeiríssimos anos do século XXI, “Terceira opção”, cantado pelo grupo Trilha Sonora do Gueto.

Antologia A terceira opção da Trilha Sonora do Gueto

Celular, okoc na mão, do zé povim

é uma arma poderosa nisso eu acredito sim
 embocamo num assalto de pistola e matraça
 e eu grudei logo o gerente com a quadrada engatilhada
 o meu parceiro com a matraça dominava o salão.
 zé povim era mato tudo delatado no chão
 nós achava que é o seguinte que o baguio lava agüentado
 mó engano sangue bom, lava memo era secado
 tinha fota lava o goe a fm mais o gap
 lava tipo aquela fita que cé viu na reportagem
 e eu grudado cum réfém, comecei raciocinar
 os motivos que fizeram eu no crime ingressar.
 residente do Capão, ser humano pique jáo

que não teve uma cultura, uma boa educação morador de uma favela que aprendeu morrer por ela négo, né comédia, não, sofredor que num dá queia voltando para a real, eu me vi logo enquadrado me lembrei ni um minuto que eu tava ni um assalto escutava a gritaria "Vamô pega e lixar vagabundo não tem vaga nesse mundo que Deus dá veja bem comê as coisas ninguém tinha coração Só eu, e Deus sabia da minha situação eu peguei minha quadrada fui pra guerra cum o sistema só que pá é o seguinte sempre existe um dilema a vida traiçoelra me pregou uma lição eu só tinha 2 minuto pa vivê 3 opção se eu salisse pelo fundo eu morria assassinado se eu vazasse pela frente pelos bico era lixado e a 3ª opção, era eu engatilhar a quadrada na cabeça e eu mesmo me matar só que Deus tava presente acredite eu não me engano em fração de 2 segundos eu bolei aquele plano 'Ai xará, é o seguinte eu só vou me entregar quando aquele sem futuro do Datena vim filmar tô ligado que prucêis, eu não valo um real só que cê seis invadi, o refém vai passa mal ele tá todo borrado tá mijado tá com medo tá pagando até com juros o racismo e o preconceito, derrepente, pa pa caratlo que tiroelro fiquei com a cabeça à mil bateu um desespero Parece que é hoje, quando eu da cena lembro minha roupa cheia de sangue eu algemado mód veneno lixado pelos bico, com ajuda dos gambê desacento no crime eu tô ligado qual que é um dia é da caça o outro do caçador ditado que meu pai já herdara do meu vô quando eu era pivete, me lembro ele dizia que um homem moral sempre entra numa fria mas só que eu cresci desandei virei ladroão eu só tinha 18 quando eu fui pra detenção

'Ai choque, a rua tá daquele jeito 0: Uma pá de mano armado não enxerga um palmo à frente do nariz. Pensa que é super-ladão, super-herói. Só que aí jáo, São Paulo não é Hollywood, os caratã iludido. O diabo dá o pé pa sugar até a alma. Sorte que eu tenho uns parceiro lado a lado comigo' aí pra debater minha loucura morô.

Cês devem tá achando que isso é ibope
 ibope é trabalhar, eu em cana eu era loque
 os manos na ventana gritava 'vai morrer
 triagem na cadeia se não tiver proceder'
 foi lá que eu conheci a tal da rua 10
 também foi lá que eu li, a história de Moisés
 o tempo foi passando, eu fui me adaptando
 e quando eu fui notar já passará 7 anos
 bem que meu pai dizia 'filho o tempo é rei
 tentei te dar o melhor me desculpe se eu falhei'
 aquilo na minha mente, batia tipo Tyson
 viver na detenção, tem que ser homem de aço
 o homem só é grande, quando ele se ajoelha
 diante do senhor pra tomar puxão de orelha
 naquela madrugada eu não consegui dormir
 fazendo um castelo liberdade vem ni mim
 o tempo foi passando, meu corpo foi cansando
 o dia clareando na seqüência eu fui deltando
 (Colagem: "Mas se eu sair daqui eu vou mudar
 Dá meu revolver enquanto Cristo não vem
 *Mas se eu sair daqui eu vou mudar)

Poucas páginas atrás, analisamos a letra de duas canções de Adoniran Barbosa. Isso nos permitiu observar mais de perto uma variedade de língua que tem servido de meio de comunicação para uma ampla faixa da população urbana e suburbana, de São Paulo. Na época, o sucesso das músicas de Adoniran Barbosa deu visibilidade a essa língua, cujas chances de aparecer na "grande literatura (e mesmo nas letras da música popular) sempre foram pequenas. Hoje em dia, as letras de rap utilizam uma linguagem parecida com a de Adoniran, mas que, do ponto de vista diacrítico, é profundamente diferente.

O rap é executado sem variação de melodia e com uma leitura altamente cadenciada. Como é fácil verificar por esta letra, os versos das letras de rap não têm necessariamente o mesmo número de sílabas (na nossa amostra o número de sílabas varia entre 13 e 16), de modo que o efeito de cadência tem de ser obtido mediante uma leitura que "encontra" os acentos (o final e o do meio do verso) em intervalos de tempo regulares. Bastaria esse tipo de leitura "forçada" para mostrar que temos aqui um tipo de letra musical bem diferente do que foi usado por Adoniran Barbosa ou na música calpira ou no samba carioca de morro. Mas as diferenças são também de temática, pois o rap fala frequentemente da violência urbana pela voz das pessoas que a vivem — e tudo isso tem reflexos linguísticos óbvios:

O que chama mais imediatamente a atenção nesta verdadeira "trilha sonora do gueto" são, como sempre, as peculiaridades de tipo lexical que causam problemas

de compreensão para o falante de português padrão: *matraca* ("metralhadora"), *quadrada* ("pistola"), *gambê* ("policia militar"), *sangue-bom* (que é na verdade um vocativo por meio do qual o locutor, negro, representa seu interlocutor como outro negro); mas, como sempre, isso não é tudo: há peculiaridades relativas à pronúncia, às formas e à sintaxe. No que diz respeito à fonética, a grafia <baguiho> (por <bagulho>) mostra a tendência a substituir o som [ʃ] por [j], a grafia <num> (por <não>) mostra que no advérbio de negação o ditongo nasal se reduziu à vogal nasal [ɲ]. Também há muito a observar no que diz respeito às formas das palavras: muitas são mais breves do que no pa padrão, como é o caso de *mô* (= maior), *tô*, *tava* (= estou, estava), *seis* (= vocês), *pa* (= para) etc. As formas *prucês* (em vez de *para vocês*), *nê comédia* (*não é comédia*) contêm contrações que não seriam autorizadas em pa padrão; em compensação *eu tava ni um assalto* evita a contração onde o pa padrão a autorizaria (compare-se *eu estava num assalto*). Uma forma digna de referência especial é encontrada na frase em que o locutor conta como se saiu de morrer recorrendo à cobertura da imprensa, exigindo a presença de um conhecido repórter policial: *eu só vou me entregar quando... o Datena vim finalizar*. Nessa frase, *vim* é nada mais nada menos que *vir*, o futuro do subjuntivo do verbo *vir*, terceira pessoa. No processo pelo qual *vim* assume essa função, combinam-se dois fenômenos próprios do pa não-padrão: a tendência a formar futuros do subjuntivo usando o tema do presente e não do pretérito (que leva a *se ele desfazer o contrato, vai pagar uma multa*) e o uso de *vim* por *vir*, como infinitivo (*ele não quis vim hoje, ele vai vim amanhã*). A característica sintática mais importante é o uso limitado de sentenças subordinadas, que de resto se reduzem a poucos tipos: relativas integrantes, temporais. Essa pobreza de subordinadas é decorrente do processo de composição em que os limites da sentença tendem a ser os limites do verso, e a maneira mais usada de fazer sentenças compostas é a junção de versos.

Autologia Dois modelos de carta comercial da década de 1940

Os últimos textos que comentaremos neste capítulo são dois modelos de carta comercial extraídos de um manual de redação da década de 1940. Eles foram incluídos aqui para lembrar que cada gênero textual tem uma dinâmica própria, evoluindo num ritmo que pode ser mais lento ou mais rápido que o ritmo médio da língua. Isso é óbvio para quem tem tempo e paciência para observar um pouco o que acontece com a linguagem ao seu redor. Pensemos nas mudanças que afetaram alguns gêneros verbais nos últimos anos. No Brasil contemporâneo, as décadas do regime militar e da abertura viram desaparecer os últimos líderes populistas, e os novos recursos técnicos disponíveis fizeram desaparecer o comércio em praça pública e a passeata, que foram substituídos pela carreta, pelos debates televisonados e

sobretudo pela propaganda televisiva dos horários eleitorais. É óbvio que a linguagem da propaganda política não é hoje a mesma que já foi em outros tempos. Exemplos igualmente impressionantes de mudança da linguagem de um gênero podem ser encontrados na propaganda. Hoje, esperamos que uma boa propaganda nos conte uma história fictícia da qual participamos, e isso leva a usar uma linguagem figurada, geralmente metafórica. Nos anúncios criados há cem anos, encontramos, ao lado de ilustrações que procuram impressionar por sua qualidade artística (no limite, pela qualidade de uma foto do produto), textos que elogiam as qualidades do produto: não era comum então que os produtos de consumo fossem associados a fantasias de fuga do cotidiano; o texto da propaganda era mais voltado para persuadir racionalmente o consumidor, do que para convencê-lo subliminarmente, e isso mobilizava outros mecanismos linguísticos, entre os quais tinha peso a descrição. É nessa perspectiva da mudança rápida da linguagem de um gênero que gostaríamos que fossem lidos os modelos de carta que transcrevemos a seguir.

Ofercimento

Rio, 7 de de 1948

Ilmos. Srs. Magalhães e Cia.

Teresina (Piau)

Junto encontrarei amostras de tecidos diversos de nossa casa, devidamente coladas em catálogos, com os preços marcados etc.

Tudo é muito bem feito e de boa qualidade; confeccionamos, porém, mais barato, mais bonito, mais durável e acessível a todas as algebeiras.

Assim, rogamos examinares os nossos preços verdadeiramente excepcionais e mandar as vossas ordens.

Também nos obrigamos a mandar artefatos de seda etc. joalheria e miudezas, mediante comissão mínima.

Podéis dispor e dar ordens aos vossos

Criados obrigados

B. Antunes & Cia.

Resposta evasiva

Recife, 3 de de 1948

S. B. de C.

Rio.

Estamos de posse da carta do 15 do mês passado que nos fizestes a honra de escrever e vos agradecemos os graciosos oferecimentos que nos enviastes.

Temos o pesar de, no momento, não nos podemos utilizar deles: as condições de venda, como nos propusestes, nos convêm sem dívida, o motivo porque tomamos nota, e podê-la crer recorreremos à vossa conceituada casa, logo que se nos deparar ocasião. Saudamo-vos com a maior consideração e subscrevemo-nos atentos obrigados

Frosa, Brandão & Cia

(Fonte: QUEIROZ, J. *O secretário moderno*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1945.)

Hoje, ninguém escreveria cartas comerciais desse modo. O que toma obsoletos esses dois "modelos" não é apenas o vocabulário. (acessível a todas as *algibeiras*, *artefatos de seda*, *graciosos oferecimentos*, *subscrevemo-nos atentos*), mas também a sintaxe (note-se o uso, hoje impensável, da 2ª pessoa do plural *vós*, e também o uso abundante de clíticos), para não falar da escolha das fórmulas de introdução e fecho. Tudo isso para realçar que cada um dos diferentes gêneros (aqui consideramos apenas três: o discurso dos economistas do governo, a propaganda e correspondência comercial) têm sua linguagem própria, que manifestam diferenças linguísticas variadas e evolui num ritmo próprio ao mesmo tempo que diferentes gêneros vão sendo criados, pelo fim de novos estilos.

O drama de encarar a variação

Nas últimas páginas, procuramos ver o que há de verdade na velha idéia segundo a qual uma das características mais marcantes do português do Brasil seria sua grande uniformidade. Para isso, partimos da idéia de que toda língua, a qualquer momento de sua história, está irremediavelmente sujeita à variação e à mudança. Definimos quatro dimensões principais de variação (diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica), que foram exploradas com a ajuda de exemplos. Essa exploração nos revelou que o português do Brasil apresenta variação em cada uma dessas dimensões. Que interesse tem essa descoberta?

Em primeiro lugar, ela nos permite afirmar que a velha tese da uniformidade do português brasileiro é em grande parte uma ilusão. Ela foi construída na década de 1950 por autores que estudaram sobretudo a maneira como o português falado no Brasil muda na dimensão geográfica e que tinham os dialetos europeus como termo de comparação. É bem sabido que em algumas regiões da Europa (como a Itália, o sul da Alemanha, o norte de Portugal e até certo ponto a França e a Espanha) a fragmentação dialetal já foi tão forte a ponto de prejudicar a compreensão recíproca entre habitantes de regiões distantes entre si poucas centenas de quilômetros. Tomando essas situações como parâmetro, o

português do Brasil (onde afinal o gaúcho compreende o amazonense, que mora a milhares de quilômetros) aparece sem dívida como uma língua mais uniforme. Em suma, quando os autores da década de 1950 falaram na grande uniformidade de nossa língua estavam sobretudo ressaltando o fato de que o Brasil não conhece dialetos no sentido europeu do termo, o que é verdade. Mas o português do Brasil, como qualquer outra língua, apresenta variedades regionais (como procuramos mostrar na seção "Variação diatópica").

Infelizmente, a idéia de que o português do Brasil é uma língua uniforme tende também a nos fazer esquecer as outras formas de variação: as que denominamos aqui diastrática, diacrônica e diamésica, além de outras formas de variação das quais não falamos neste livro, como a de registro (que corresponde ao grau maior ou menor de formalidade da fala), a de sexo, a de idade, etc. Essas diferenças fazem parte da vida de todos os dias e afetam cada um de nós, porque, independentemente de quem somos, é normal que mantenhamos algum tipo de interação com pessoas de outras classes sociais, de outra idade, de outro sexo, assim como é normal para qualquer um de nós produzir textos escritos e falados que utilizam formatos diferentes. Nessas várias formas de interação, a língua que utilizamos muda, em alguma medida, para adaptar-se ao interlocutor e ao contexto ou situação.

Portanto, variação existe, quer gostemos disso, quer não. Mas há muita gente para quem esse fato é um problema: essas pessoas se sensibilizam com a variação diastrática e tendem a achar que falar uma variedade diferente da variedade padrão é um problema sério para a sociedade e para quem o faz, talvez um vício, talvez um crime, talvez uma manifestação de inferioridade. É, mais uma vez, a atitude que levou os gregos a chamar de *barbaros* todos aqueles que não falavam grego e que consiste em desclassificar o outro, desclassificando sua língua. Sempre que isso acontece, a língua torna-se um veículo de preconceitos e exclusões, uma função na qual, infelizmente, pode ser extremamente eficaz.

Resta saber se, numa sociedade mais aberta, é desejável cultivar preconceitos, linguísticos ou outros. Pensamos que não, e isso deveria valer não só para os profissionais da linguagem, mas para todo mundo: o médico tem interesse em passar sem dificuldades da denominação popular *beijo de aranha* à denominação científica *oncocircose*, e vice-versa, o advogado tem interesse em saber que o povo chama de *roubos* os mesmos delitos que a justiça chama de *furtos*, e todos temos interesse em compreender que uma informação dada em português *sub-standard* pode perfeitamente ser correta e oportuna. Os profissionais da linguagem têm um interesse ainda maior em contar com a existência da variação, levando-a em conta em sua atuação, mas disso trataremos mais extensamente no capítulo "Linguística do português e ensino".

Um último comentário: as formas discriminadas têm um uso muito mais freqüente do que se pensa, inclusive na fala e na escrita das pessoas que discriminam a língua dos outros: para dar apenas um exemplo, muita gente ficaria surpresa ao ver quantas vezes usa, na fala, formas como *ocê* por *você*, *mê* por *não é* ou construções como *a casa que morei na infância* por *a casa em que morei na infância*, *vê se você me entende* [em vez de *veja se você me entende*] e assim por diante. Se é essa a realidade, a disposição para apontar erros na fala de outros não tem o propósito edificante de corrigi-los; é antes uma forma de excluir o outro e de reforçar uma desigualdade percebida.

Notas

- 1 Os dois anúncios foram extraídos de Guedes e Berlinck. E os preços eram comandados, São Paulo, Humanitas, 2000.
- 2 *Nobrega* era um tipo de tecido de seda; *merino* era um tipo de pão que imitava a pele dos carneiros mortos; *louquin* era um tipo de tecido (não conseguimos determinar qual).
- 3 Os exemplos foram retirados de Mário Prata, *Dicionário de Português Schifano* (volumes ilustrados, São Paulo, Globo, 1993).
- 4 Ver Maria Isolate Pacheco Alves, *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo*, Campinas, 1979, *Dissertação* (Mestrado), Unicamp e Egê Franchi, *E as crianças eram difíceis*, São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- 5 A variação diafórica da 2ª pessoa (pronome e verbo) do *pr* é bem mais complicada do que sugere este parágrafo, como nos assinalou oportunamente o prof. Carlos Faraco, ao lembrar em poucas linhas o que acontece nos três estados da região Sul: no que diz respeito ao Paraná, no Sudeste e em parte do Oeste, regiões de colonização gaúcho-catarinense, usam-se as formas *tu vai* e *tu vais*, no restante do estado prevalece o *voçê*. Em Santa Catarina, o chamado Planalto Catarinense, desbravado no tempo do caminho das tropas por gente do planalto cunhiano, é terra de *voçê*, o litoral e o oeste são, terras do *tu*. O Rio Grande do Sul é em grande parte: terra do *tu*. Agradecemos ao prof. Faraco ter-nos alertado para essa simplificação excessiva, que poderia dar uma imagem errada ao leitor.
- 6 Lembramos ao leitor que os fenômenos listados de a) a p) não são de ordem exclusivamente regional. Muitos deles distinguem pessoas de diferentes faixas econômicas e etárias.
- 7 Ver o site www.alpica.
- 8 Antenor Nascentes, *O linguajar caíoca*, 2. ed., Rio de Janeiro, Organização Simões, 1953, p. 25.
- 9 Outros autores, além de Nascentes, esboçaram mapas das áreas dialetais do português brasileiro. Vejamos, por exemplo, Silva Neto (Língua, cultura e civilização, Rio de Janeiro, Acadêmica, 1960, p. 262) e Elia (1975a,b). Essas propostas remetem a trabalhos anteriores, e nenhuma se pretende exaustiva. À sua maneira, elas prepararam o terreno para duas formas, mais recentes, de tratar de variação diafórica: os atlas regionais e o estudo da fala urbana culta, baseado no levantamento de grandes corpora. Para entender a mudança de enfoque, veja-se Calhou e Marques, "Os estudos dialetológicos no Brasil e o Projeto de Estudo da Norma Linguística Culta", in *Littera*, IV/8, 1973, pp. 100-11.
- 10 Aíthalha Teixeira de Castilho, "O português do Brasil", in R. Iltari, *Linguística românica*, São Paulo, Ática, 1985, pp. 235-69.
- 11 A autora citada usa o termo 'rurbano' para informantes que vivem em ambiente urbano, recentemente chegados de um ambiente rural.
- 12 Ver Bortoni-Ricardo, "Um modelo para análise sociolinguística do Português do Brasil", in Marcos Bagno, *Linguística da Norma*, São Paulo, Loyola, 2002, pp. 333-49.
- 13 Os volumes dessa coleção são indicados na bibliografia: Castilho (org. 2002a), Iltari, (org. 2002); Castilho (org. 2002b); Castilho e Basilio (orgs. 2002); Kato (org. 2002); Koch, (org. 2002); Abaurre e Rodrigues (org. 2002); Moura Neves (1999).



Linguística do português e ensino

Na breve introdução que abre este livro, prometemos falar do português do Brasil na perspectiva do ensino de língua materna. Tudo aquilo que dissemos até aqui é importante nessa perspectiva, mas para que se possa entender mais a fundo o que é a língua que se ensina nas escolas, será preciso tratar de dois processos que, historicamente, foram decisivos para configurar essa língua: a **estandardização** e a fixação de uma **norma**. Neste capítulo, falaremos desses dois processos. A idéia é mostrar que a estandardização deu estabilidade à língua e que a fixação de uma norma levou, em última análise, à valorização de modelos antigos. Num terceiro momento, falaremos da representação da língua que se extrai das gramáticas, e procuraremos mostrar que essa representação é excessivamente estreita para ser aceitável. Por fim, descreveremos o modo de encarar a língua que nos parece correto para quem tem preocupações pedagógicas.

A estandardização da língua

Todas as grandes línguas de cultura que conhecemos hoje, ao longo de sua história, passaram por um processo de estandardização. Por estandardização, entenderemos aqui o fato de que a língua assume uma